



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Guilherme Carvalhido Ferreira

**“Flamengo, time de favelado!”: Representações sociais do Flamengo na
mídia impressa dos anos 1930 aos 1960**

Rio de Janeiro

2013

Guilherme Carvalhido Ferreira

“Flamengo, time de favelado!”: Representações sociais do Flamengo na mídia impressa dos anos 1930 aos 1960

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Cultura de Massa, Cidade e Representação Social.

Orientador: Profº Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F383 Ferreira, Guilherme Carvalhido.
 “Flamengo, time de favelado!”: Representações sociais do Flamengo na mídia
 impressa dos anos 1930 aos 1960/ Guilherme Carvalhido Ferreira. – 2013.
 86 f.

 Orientadora: Ronaldo George Helal.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Faculdade de Comunicação Social.

 1. Comunicação Social – Teses. 2. Futebol – Teses. 3. Periódicos
 Brasileiros – Teses. I. Helal, Ronaldo George. I. Universidade do Estado do Rio
 de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Guilherme Carvalhido Ferreira

**“Flamengo, time de favelado!”: Representações sociais do Flamengo na mídia impressa
dos anos 1930 aos 1960**

Dissertação apresentada, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre, ao Programa
de Pós-Graduação em Comunicação, da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área
de Concentração: Cultura de Massa, Cidade e
Representação Social.

Aprovada em 31 de outubro de 2013

Banca Examinadora:

Profº Dr. Ronaldo George Helal (Orientador)
Faculdade de Comunicação - UERJ

Profº Dr. Ricardo Ferreira Freitas
Faculdade de Comunicação - UERJ

Profº Dr. Cesar Claudio Gordon Jr
Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências
Sociais (IFCS) UFRJ

Rio de Janeiro,
2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Anne Meller, pois com ela tudo, sem ela nada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço para a realização deste trabalho, em primeiro lugar, a minha família original: meu pai Zito, minha mãe Yara e meu irmão Gustavo.

Depois a família que escolhi: esposa Anne e filho David. Amo vocês!

Em seguida, quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ que me acolheu quando eu mais precisava, sobretudo ao seu corpo diretor, inicialmente a Prof^a Alessandra Aldé, e neste momento, o Prof^o Ricardo Freitas e a Prof^a Denise Siqueira, que foram muito generosos comigo, me acolhendo quando mais precisei. Não esquecerei o gesto.

Aos Professores do Programa aos quais tive o prazer de ter aula. Aprendi e levarei para a sala de aula muito dos elementos vividos.

Ao meu orientador, Prof^o Ronaldo Helal, que assim como eu, é um apaixonado pelo futebol e dedicou parte de sua carreira para entender um pouco mais desse jogo tão fascinante. Contribuiu na minha formação e também foi generoso quando mais precisei. Obrigado!

Ao funcionário da Secretária do Programa Celestino Baptista que sempre esteve atento em contribuir comigo. Obrigado!

Outra pessoa que me ajudou a entrar no Mestrado e foi a Prof^a Vânia Fortuna, que hoje é minha chefe e acreditou no meu potencial. Valeu!

O Flamengo aceita o amor de todos, as simples simpatias, as amizades puras, serenas, as paixões desencadeadas. E o que é mais importante: se orgulha delas. Por isso se pode amá-lo à imagem e semelhança de cada um.

Mário Filho

RESUMO

FERREIRA, G. C. “Flamengo, time de favelado!”: Representações sociais do Flamengo na mídia impressa dos anos 1930 aos 1960. 2013. 86 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Este trabalho buscou investigar a construção das representações sociais relacionada ao Clube de Regatas do Flamengo pelos seus torcedores e de outros times, considerando que a instalação física da sua sede, nos anos de 1930, junto à comunidade (favela) da Praia do Pinto, que à época era uma favela da cidade com grande número de habitantes e frequentadores, contribuiu para a construção coletiva de sentido sobre o referido clube e disseminação da identidade que o Flamengo tem na atualidade. Esta pesquisa foi feita a partir da coleta de dados a respeito do Flamengo e da Praia do Pinto nas décadas de 1930 até 1960 na mídia impressa da época. Para análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo e a estatística descritiva.

Palavras-chave: Torcedores de futebol. Cidade. mídia impressa.

ABSTRACT

FERREIRA, G. C. "Flamengo, a slum's team!": Social representations of Flamengo in print from the 1930s to 1960s. 2013. 86 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This work investigates the construction of preference / "passion" related to Clube de Regatas do Flamengo by its fans, taking into account how the physical transfer of its headquarters, in the 1930s, to a location near the community (or favela) "Praia do Pinto" – which at the time was a slum with numerous residents and patrons – contributed to the collective construction of meaning about that club and dissemination of Flamengo's identity as a club today. This research was done by collecting data about Flamengo and Praia do Pinto from the 1930s until 1960 in that period's print media. For data analysis purposes, the author has used content analysis and descriptive statistics.

Keywords: Soccer fans. City. Printed media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Visita de apresentação do terreno da Gávea dos diretores do Flamengo à imprensa	64
Figura 2 -	Reportagem descrevendo a intenção da diretoria do Flamengo na construção da nova sede na garage dos barcos do clube, na Praia do Flamengo	65
Figura 3 -	Proximidade do estádio do Clube de Regatas do Flamengo à Favela da Praia do Pinto	66
Figura 4 -	Foto aérea mostrando a proximidade geográfica entre a favela da Praia do Pinto e a sede do Clube de Regatas do Flamengo	67
Figura 5 -	Favela da Praia do Pinto	69
Figura 6 -	Foto mostra urubu na montanha de lixo no entorno da praia do Pinto.	72
Figura 7 -	Reportagem do Jornal O Globo evidenciando a representação das favelas como um problema urbano no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas (parte 1) ..	74
Figura 8 -	Reportagem do Jornal O Globo evidenciando a representação das favelas como um problema urbano no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas (parte 2) ..	74
Figura 9 -	Everardo Guilhaon, o Super XX	75
Figura 10 -	Coluna de chamada para a estreia do Super XX no Diário de Notícias	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Indicador “Flamengo + Praia do Pinto” no período de 1930 a 1939.....	68
Tabela 2: Indicador “Flamengo + Favela da Praia do Pinto” no período de 1940 a 1949	69
Tabela 3: Indicador “Flamengo + Praia do Pinto” no período de 1940 a 1949.....	70
Tabela 4 - Indicador “Flamengo + Favela da Praia do Pinto” no período de 1950 a 1960	73
Tabela 5 - Indicador “Flamengo + Praia do Pinto” no período de 1950 a 1960	73

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	16
1.1	Sobre o futebol enquanto objeto de estudo	20
1.2	Considerações sobre a construção de um objeto de estudo no campo das representações sociais	24
1.3	Metodologia de coleta e análise dos dados	25
2	A IMPORTÂNCIA DO TERRITÓRIO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	28
2.1	Relações entre espaço material e espaço simbólico.....	28
2.2	A construção da cidade do Rio de Janeiro no século XX e as representações da zona sul.....	31
2.3	A Praia do Pinto	38
3	O FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO	42
3.1	De esporte elitista para um esporte popular.....	43
3.2	O caso do Flamengo e a Favela da Praia do Pinto	53
4	A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TORCEDORES DO CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO A PARTIR DAS RELAÇÕES COM A FAVELA DA PRAIA DO PINTO	57
4.1	O planejamento da pesquisa	61
4.2	A coleta de dados.....	63
4.3	Análise dos resultados.....	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

O Flamengo é um poder nascido da vontade do povo. Nenhuma outra instituição no Brasil tem características tão democráticas. O Clube de Regatas do Flamengo é de todos. Sem diferenças. É tão povo que dói. Mais que um clube, o Flamengo é uma grande expressão do sentimento brasileiro. Assim, quando as bandeiras vermelha-e-preta se unem, ao longo das arquibancadas, quem é Flamengo se sente parte de uma verdadeira nação.

Edilberto Coutinho

Como explicar a escolha de um time de futebol? Quais são os paradigmas explicativos para isto? Como explicar o futebol como um dos protagonistas na construção da identidade das pessoas que as levam a representar-se como uma “irmandade”?

O interesse por este objeto de estudo vincula-se à história de vida de um homem, o senhor José da Motta Ferreira, que gostava de futebol e escolheu como seu time o Flamengo. Apesar de ser um caso individual, acredita-se que a partir de seus vários aspectos pode-se entender e realizar inferências sobre a própria história de um fenômeno social, neste caso, o futebol.

Em meados dos anos de 1940, o senhor José da Motta Ferreira, descendente de portugueses e que teve toda a sua vida construída no interior, chega até a cidade do Rio de Janeiro, zona urbana, com o desejo de fazer prosperar sua vida na cidade grande, como grande parte da população brasileira daquela época. Este fato de vida particular reflete toda uma expectativa social que, a partir dos anos 1930, se fortalece: a migração do interior para as capitais com o desejo de conseguir trabalho e uma vida melhor.

Mas o senhor José, como muitos outros iguais a ele, era um homem sem posses e escolheu o bairro do Leblon como possibilidade de moradia, visto que o valor do aluguel era compatível com suas possibilidades e, desta forma, acabou por residir num apartamento pequeno na Rua Carlos Góis, que dava acesso à Favela da Praia do Pinto e, portanto, situado no entorno da sede do Clube de Regatas do Flamengo. Cabe destacar que, nesta época, a Favela da Praia do Pinto estava em seu auge em termos de tamanho.

O interessante desta história é que sendo descendente de portugueses e existindo na cidade uma comunidade lusitana forte e em sua grande maioria torcedora do Clube de Regatas

Vasco da Gama, devido à identidade de clube construído por portugueses, o que fez com que José da Motta Ferreira escolhesse o Flamengo como seu time de coração e não o seu rival?

O senhor José da Motta Ferreira é o pai do autor desta Dissertação. Quando o autor era criança, num período onde as escolhas estavam se consolidando, houve uma dúvida por qual time torcer, visto que seu pai e seu tio, ex-jogador do Vasco da Gama, apresentavam suas visões sobre os clubes em disputa. Seu pai também tinha interesse pelo Vasco, dado o seu histórico familiar, mas acabou conseguindo influenciar o filho na sua escolha pelo Flamengo.

Essa trajetória foi vivida pelo autor e contada pelos seus protagonistas, levantando o interesse pelo seu estudo aprofundado. A partir dessa história, a hipótese principal do presente trabalho foi montada, a partir da reflexão sobre como uma localidade pode interferir na formação e nas representações dos torcedores de um clube de futebol, e aqui o caso a ser tratado é a da relação entre a favela da Praia do Pinto e o Clube de Regatas do Flamengo.

Nesse sentido, este estudo vincula-se à linha de pesquisa Cultura de Massa, Cidade e Representação Social do Mestrado em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pois analisou a relação entre futebol e organização urbana, tendo como objeto a representação social dos torcedores do Flamengo.

A formação das preferências públicas por agremiações esportivas, no caso específico do futebol no Brasil, tem inúmeras referências explicativas (TOLEDO, 1996; SANTOS, 2004). Uma destas preferências, ainda pouco explorada pelos estudos específicos, estaria na organização urbana de determinadas localidades, que, por sua vez, influenciariam a formação de representações sobre os clubes. Ou seja, a questão que desencadeou o presente trabalho pode ser detalhada da seguinte forma: como as organizações urbanas e suas consequências sociais e culturais contribuiriam para esclarecer as formações dos torcedores nas cidades e suas respectivas representações sociais com relação aos diversos clubes.

Uma organização urbana pode ser definida e estudada de várias formas (TOLEDO, 1996), interessando aqui especificamente a relação social entre uma favela e um clube de futebol, num momento histórico onde se formavam os interesses sociais pelos clubes (formação da “paixão” pelas agremiações). Este momento histórico, início dos anos 30 do século 20, foi justamente o período em que a grande massa de torcedores de futebol ganhava corpo nas cidades brasileiras (*ibid.*). Ressalta-se que, neste mesmo período, ainda não havia a intensificação dos meios de comunicação de massa para reforçar essas preferências; a não ser o jornal impresso, que já narrava o futebol para a sociedade com alguma regularidade nos primeiros 30, 40 anos do século XX. O rádio foi se consolidando pouco a pouco desde então, e apenas muito mais tarde a televisão nos anos 60 e 70.

Dessa forma, o contato entre espectadores de futebol e clubes de futebol se dava num modelo direto, ou seja, o público assistia às partidas diretamente “ao lado do campo”, relacionando-se com os jogadores e outros torcedores, numa proximidade decisiva para a disseminação das preferências. Os jornais narravam os jogos e as características dos clubes e seleções de futebol fora das quatro linhas e apresentavam as suas representações sociais.

Considerando que tais preferências estão embebidas dos sentidos que o futebol possui na vida dos atores envolvidos (torcedores, jogadores, órgãos de imprensa, dirigentes esportivos), estudar as representações sociais nas origens da construção das torcidas, poderá contribuir para a compreensão sobre a dimensão social de determinado clube de futebol na contemporaneidade.

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p. 22) e possuem como função definir a identidade dos grupos; guiar comportamentos e práticas e permitir aos atores justificarem seus comportamentos frente a seus grupos. (ABRIC, 2000)

Esta pesquisa pretendeu investigar a relação entre a formação de torcedores e a organização urbana no Rio de Janeiro, especificamente a Favela Praia do Pinto, localizada até o final dos anos 1960 no bairro do Leblon, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro que, hipotetiza-se aqui, viria a contribuir decisivamente para a formação das representações sociais sobre a torcida do Flamengo.

Como objetivo geral, a pesquisa identificou a representação social a respeito dos torcedores do Flamengo nas décadas de 1930 até 1960 na mídia impressa da época. Também levantou a história da construção da sede do Clube de Regatas do Flamengo nas cercanias da Favela da Praia do Pinto, até o início dos anos 1960, buscando sempre entender os motivos da popularidade do Clube de Regatas do Flamengo. Dialeticamente, foi preciso comparar, através de pesquisa bibliográfica, a trajetória de formação dos outros três grandes clubes futebolísticos do Rio de Janeiro, a saber: Vasco da Gama, Botafogo e Fluminense, esses também diluídos em suas respectivas áreas geográficas na cidade do Rio de Janeiro.

Considera-se que a dimensão da torcida rubro-negra (do Flamengo) carioca atual (anos 10 do século 21) pode ser explicada, também, através da relação construída entre a Favela da Praia do Pinto e o Clube do Flamengo a partir da instalação de sua sede na Gávea, mais especificamente nas cercanias da comunidade citada. Os meios de comunicação, sobretudo os jornais impressos, são um espaço privilegiado de análise das narrativas feitas ao longo da

construção das preferências dos torcedores de futebol, visto que reforçam histórias, mitos e dramas, enfim, o cotidiano do futebol, sobretudo quando ele estava se popularizando.

A partir dos anos de 1950, quando houve paulatinamente a extinção da favela da Praia do Pinto, seus moradores viram-se obrigados a deslocar-se para residirem em outros locais, o que possibilitou a disseminação de tal vinculação afetiva através da inserção destes elementos em outros grupos de pertença, efetivando uma construção que se iniciara anteriormente com a construção da sede do Flamengo, consolidando o Clube como cultura de massa, e logo formando uma visão positiva do clube.

Por outro lado, como o futebol representa um teatro onde o conflito simbólico entre os clubes concorrentes nos campeonatos regionais do Rio de Janeiro são apresentados, noções negativas também foram criadas sobre o Flamengo, associadas às representações vislumbradas na relação deste clube com a comunidade da Praia do Pinto.

Na atualidade, enquanto os torcedores do Flamengo se defendem de acusações variadas de um clube de “favelados”, possivelmente criada pelas aproximações que tiveram em sua história com a favela no momento de sua popularização, ao mesmo tempo vão formando representações de si mesmo no embate com os torcedores de outros clubes que também buscam suas posições no espaço representativo. Ou seja, acontece uma disputa simbólica de posições no cenário do futebol, mostrando que as expressões ditam em grande medida a interpretação das pessoas sobre o outro.

Em suma, pode-se dizer que esta Dissertação intencionou relacionar alguns elementos da construção das preferências, e ódios, por um clube de futebol através da explicação da combinação territorial, e, por conseguinte social, ou seja, entre o espaço físico que o clube ocupou e as características sociopolíticas dos cidadãos que habitavam aquela área. Essa habitação contribuiu na formação da representatividade social imagética do Flamengo, que foi visto por seus adversários como um time de “favelados, desvalidos, pobres, sem recursos, idiotas” entre outras, ou seja, uma visão negativa de um clube que nasceu elitizado, mas teve a sua trajetória significativamente modificada por esse contato.

Na construção teórica deste trabalho, foram utilizados diversos autores para tratar dos assuntos. Com relação à Teoria das Representações Sociais, foram utilizados Serge Moscovici (2003), autor da teoria, Denise Jodelet (2001, 2002) e Celso Pereira de Sá (1998) para a conceituação do fenômeno representações sociais e, também para a delimitação do objeto. No que tange aos espaços urbano, foram abordados os autores Maurício de Abreu (1987), Carlos Lessa (2005), Armelle Enders (2002), Milton Santos (1997) e Licia Valladares (2000). Sobre as teorias e história do futebol foi aproveitado Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000),

Roberto DaMatta (1980), Hugo Lovisollo (2011), Helal (2001) e Helal e Gordon (2011). Com relação à metodologia da pesquisa aplicou-se a análise de conteúdo, pautada na obra de Bardin (1977) e Martin Bauer (2002).

Para estudar as representações sociais do Flamengo com relação à favela da Praia do Pinto, utilizou-se como material de pesquisa os seguintes periódicos: Diário de Notícias, Jornal dos Sports, Correio da Manhã, Jornal do Brasil e Imprensa Popular.

No primeiro capítulo, foi apresentado o quadro geral do trabalho e as referências teóricas e metodológicas da pesquisa. No segundo, foi abordado um breve histórico da Cidade do Rio de Janeiro e a formação da Zona Sul, a presença das favelas no contexto urbano da cidade, privilegiando a constituição da Favela da Praia do Pinto. No terceiro capítulo, foi desenhado o nascimento e desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro, enfocando os quatro grandes clubes da cidade, especialmente o Clube de Regatas do Flamengo e sua relação com a Favela da Praia do Pinto. No quarto e último capítulo, foi apresentado a pesquisa sobre as representações sociais do Flamengo e seus torcedores com o detalhamento metodológico e seus resultados.

Com este trabalho, portanto, pretende-se contribuir para o estudo das representações sociais do futebol através dos meios de comunicação, levantando hipóteses e dados voltados para a desmistificação de certas posições públicas sobre instituições e personagens da história do velho esporte bretão.

1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Neste trabalho, foi abordado, como objeto principal de pesquisa, o futebol enquanto elemento agregador dos interesses das pessoas, através da construção dos chamados torcedores – que são indivíduos que compartilham interesses por instituições socialmente estabelecidas. Como este futebol pode ser trabalhado de várias formas nas ciências sociais, cabe definir em qual cenário ele será estudado, pois nos estudos sociais a própria ambientação determina, em diversas medidas, a caracterização do objeto. Logo, formatou-se a relação entre a construção do interesse dos torcedores por um clube de futebol e as características urbanas existentes no momento em que houve o crescimento, a intensidade e a consolidação dos fãs pelos clubes de futebol.

Quando se observa as manifestações das torcidas de futebol nos espaços sociais, sobretudo no cenário brasileiro, verifica-se uma variedade de expressões que podem apresentar indícios de como o futebol representa um processo onde os cidadãos demonstram as formas como encaram os adversários (e também, como veem a si mesmos). Não que essas demonstrações sejam o significado em si de suas intenções, mas um lugar simbólico onde é possível verificar o próprio futebol e suas interações com outras instituições sociais (família, trabalho, mídias etc.).

O futebol é apenas uma das muitas instituições sociais que podem tentar explicar as relações sociais. Quando ele é estudado, deve-se tomar cuidado para não explorá-lo em demasia, colocando nele um excesso de importância, devendo relacioná-lo com outros elementos sociais e buscar tirar daí algo relevante, mesmo que provisório. Ou seja, deve-se tomar cuidado em não depositar no futebol toda uma carga explicativa de situações sociais e políticas, como por exemplo, o solapamento de frustrações políticas causadas pela ditadura militar aplicada no Brasil nos anos de 1960 e 1970, sendo o simbolismo do futebol um escamoteamento das ações repressoras do Estado (DAMATTA, 1982).

Mesmo sendo limitada a amplitude do futebol para explicar as relações sociais, é possível torná-lo um tipo ideal weberiano¹, ou seja, através dele o pesquisador social utiliza a reunião forçada das variáveis que compõe o corpo do objeto estudado, inferindo diversas

¹ Segundo Lockwood (1987), o tipo ideal weberiano possui algumas características, entre elas: (1) não ser um ideal no sentido ético, não correspondendo “a um tipo médio no sentido estatístico ou no sentido de denominador comum de um certo número de fenômenos empíricos”(p.1232); (2) é um ideal no sentido lógico, sendo “uma elaboração mental livre pela qual se procura ordenar a realidade isolando, acentuando e articulando os elementos de um fenômeno social recorrente (por exemplo a burocracia) em um sistema de relações internamente consistente” (p.1232).

explicações, as quais não seriam possíveis se olhadas em separado, mesmo que numa crítica mais apurada se vissem dissonâncias entre elas.

Dessa forma, o futebol pode ser visto numa interseção entre a obra de DaMatta (1982) e Helal (2001). DaMatta encara o futebol como um espaço privilegiado de análise social, onde vislumbram-se aspectos obscuros de uma sociedade. Ou seja, através dele é possível descobrir fatores latentes do espaço sociocultural.

Helal (2001) concorda com DaMatta (1982) quanto à questão referida acima, mas com ressalvas sobre as escolhas dos detalhes a serem explorados numa pesquisa. Para Helal, o pesquisador deve ter cuidado na escolha do objeto de estudo dentro do futebol, pois esse objeto poderá estar contaminado pelas suas preferências, a partir das quais se torna impossível extrapolá-lo para horizontes mais vastos da vida social, impossibilitando que fatores possam ser desvelados na complexa trama ao qual o futebol está mergulhado.

O contexto urbano, com suas diversas facetas, também é um espaço para a compreensão de aspectos da vida social. Assim como o futebol, ele é um cenário para a observação da construção sociopolítica, permitindo ao intérprete mapear significados de variáveis aparentemente dispersas num olhar não especializado sobre a totalidade urbana.

Tendo como base os estudos de DaMatta (*ibid.*) e Helal (*ibid.*) sobre as relações sociais do futebol, é possível hipotetizar a construção do interesse dos torcedores pelo futebol e seus representantes através das inter-relações urbanas, principalmente a partir da constatação da importância depositada às competições esportivas dentro do espaço das cidades. Ou seja, como o futebol é um fenômeno essencialmente urbano, pressupõe-se que a territorialidade apresentada pelo contexto das cidades seja um componente explicativo da construção dos significados que o esporte tomou no ambiente citadino.

No caso brasileiro, o crescimento do interesse pelo futebol está temporalmente relacionado ao desenvolvimento das cidades, principalmente das metrópoles. Neste sentido, pode-se estabelecer como hipótese que a organização urbana alimentou a formação das principais representações sociais sobre as agremiações esportivas.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo principal verificar fragmentos históricos da relação entre a formação sócio-geográfica da cidade do Rio de Janeiro com o crescimento das torcidas de futebol. Como objeto específico, será abordada a formação da torcida do Clube de Regatas do Flamengo através do estudo da mídia do momento, especificamente entre as décadas de 1950 e 1960, para apreender as representações sociais do Flamengo e sua possível relação com comunidade da Praia do Pinto.

Esses fragmentos de análise entre essas duas organizações sociais (Flamengo e comunidade da Praia do Pinto) objetivam encontrar um caminho para entender as torcidas mergulhadas em um ambiente onde determinadas características sociais são chaves para a compreensão do futebol, e uma dessas chaves é o desenvolvimento urbano.

Para compreensão de como o espaço urbano articula-se com as torcidas de futebol e de como a partir deste vínculo toda uma série de simbolismos, atitudes e comportamentos são criados, utilizar-se-á a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003).

Conforme dito por Sá (1998, p. 21), os fenômenos de representação social são encontrados em diversos cenários sociais, como “na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais”, sendo difusos e multifacetados na sua essência, não podendo ser revelados em pesquisas formais de forma direta e completa. Neste sentido, os fenômenos de representação social são construídos dentro de “universos consensuais de pensamento” (*ibid.*, p.22) e possuem a funcionalidade de viabilizar a comunicação social e influenciar as práticas sociais.

Moscovici inaugurou nos anos 1960 o conceito de representações sociais a partir da obra do sociólogo francês E. Durkheim, que por sua vez, apresentou ideias sobre representações coletivas no início do mesmo século. As representações coletivas nos dizeres durkeimiano são uma espécie de consciência coletiva, refletindo a própria vida de uma coletividade.

A associação dos seres humanos produz um todo que se sobrepõe sobre as partes, existindo uma espécie de “fato social” que deve ser considerado pelo pesquisador social como uma “coisa”. Não uma “coisa” física propriamente dita, mas algo que possa apresentar características específicas que a distinguem de outras coisas na natureza, sendo analisada objetivamente. Essa “coisa” definida por Durkheim pode ser chamada de *representação coletiva*, existindo fora das consciências e tendo força associativa e construtiva sobre os indivíduos de uma sociedade.

Voltando a Serge Moscovici, o conceito de representações sociais, originado primariamente no âmbito da Psicologia Social, e depois apropriado pelas ciências sociais, surge com o objetivo de dar conta da dicotomia existente entre o que é da ordem do individual e o que é da ordem do social. Com este conceito, Moscovici inaugura um campo de estudos sobre a articulação entre os fenômenos sociais e os fenômenos psicológicos (ou individuais), mais especificamente de como as pessoas comuns se apropriam de objetos sociais e ressignificam tais objetos a partir de construções de representações originadas nas suas inserções grupais.

Para Moscovici (2003), “(...) a característica específica dessas representações é precisamente a de que elas “corporificam ideias” em experiências coletivas e interações em comportamento”. (p.48)

Segundo Vala (1993) a teoria permite compreender os “processos através dos quais os indivíduos, em interação social, constroem teorias sobre os objectos sociais, que tornam viável a comunicação e a organização dos comportamentos”. (p. 458.)

A utilização do conceito de representações sociais permite perceber como a mídia da época da construção do Clube de Regatas do Flamengo ajudou a construir e disseminar a imagem que possui hoje. Mesmo que atualmente verifique-se algumas representações particulares devido a diversidades de torcidas, todas se denominam como parte da “nação rubro-negra”.

Segundo Jodelet (2001), podem-se conceituar as representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p. 22). A autora apresenta um conjunto de elementos e relações que especificam este campo de estudos: (a) a representação social é sempre de alguém (sujeito) e referente a alguma coisa (objeto) e, desta forma, possui características tanto de um quanto de outro; (b) a representação social possui uma relação de simbolização (substituição) e de interpretação (significação) com o objeto, sendo, portanto, (c) uma construção e expressão do sujeito; (d) é construída socialmente; (e) é uma forma de conhecimento; (f) é um saber prático porque serve como referencial para ação sobre o mundo e sobre os outros.

O caráter social do conceito, segundo Vala (*op. cit.*), é evidenciado por três critérios de diferenciação: (a) o critério quantitativo; (b) o critério genético e (c) o critério funcional. O primeiro seria em relação à quantidade de pessoas que possuem uma mesma representação a respeito de um determinado objeto social, considerado insuficiente pelo autor por não referendar nada a respeito da construção do fenômeno. A partir do critério genético, uma representação é social porque é construída coletivamente na comunicação e interação cotidiana de um grupo social e, portanto, reflete sua identidade, seus projetos, problemas e estratégias em relação a outros grupos. O terceiro critério, onde Vala (1993) percebe a efetiva diferenciação do conceito, as representações sociais são consideradas como um instrumento para a orientação de comportamentos e da comunicação.

Ainda segundo o caráter funcional das representações sociais, ou o porquê de sua construção, Vala (*op. cit.*) expõe que “as representações sociais têm como função a atribuição de sentido ou a organização significativa do real” (p. 479). Tal funcionalidade pode ser

verificada no sentido de que: (a) elas têm a propriedade de servir para explicar comportamentos e relações sociais; (b) elas constituem uma orientação para a ação na medida em que modelam elementos do contexto onde a ação acontece; (c) elas contribuem para a diferenciação social, já que cada grupo possui sua representação a respeito de um determinado objeto social, e (d) são o suporte para a comunicação (VALA, 1993).

Portanto, ao abordar o conceito de representações sociais considera-se a representação uma interpretação da realidade permeada por valores, sentimentos e opiniões do grupo, tornando-se um guia para a ação no sentido de que regem as relações dos indivíduos com seu meio social. Neste sentido, estudar uma representação é explorar todas as dimensões do fenômeno: seu significado e que influência o mesmo exerce nas práticas dos sujeitos.

No que se refere aos flamenguistas, ser torcedor significa fazer parte da “maior torcida brasileira”, torcer por um “time de raça” entre outros. Quanto às torcidas adversárias, os flamenguistas são classicamente identificados como “favelados, pobres e ignorantes”. Estas representações podem demonstrar uma possível gênese das representações sociais dos torcedores flamenguistas e de outros times vinculada ao espaço urbano onde o Clube localizava-se entre as décadas de 1930 e 1960, perto da Favela da Praia do Pinto.

Para a validação desta hipótese, seria importante ter acesso à população que vivia na área e estudar quais as representações deles relativos ao clube de regatas do Flamengo e a de uma amostra da população carioca na época. Entretanto, pela dificuldade histórica, visto que a favela da Praia do Pinto foi dizimada no final dos anos 1960, e temporal, que inviabiliza a possibilidade de encontrar pessoas tanto que moravam na favela e que tivessem contato ou acesso à origem do Flamengo no dia-a-dia da comunidade, decidiu-se acessar os conteúdos das representações sociais do Clube de Regatas do Flamengo da época através da mídia impressa relacionada aos esportes, por se entender que a mídia possui uma dinâmica dialética com a sociedade no que se refere à construção de representações. Ao mesmo tempo em que alimenta e influencia a construção de representações sociais, a mídia reflete, também, ideias, valores, representações e opiniões de um determinado grupo social.

1.1 Sobre o futebol enquanto objeto de estudo

A abertura proclamada por DaMatta (1982) em seus estudos sobre o futebol, ajudou a expandir campos da sociologia do esporte no Brasil. Entre essas expansões estão as torcidas de futebol. Para muitos, as torcidas são o sentido do futebol, pois sem elas não seria possível a idolatria praticada aos atletas dos clubes.

DaMatta (1982) foi importante para os estudos da sociologia do futebol no Brasil porque apresentou uma outra visão a respeito da importância de estudá-lo. Antes dele, encarava-se o futebol como uma instituição voltada para as manipulações das massas feitas pelos organismos políticos nacionais em prol de determinados interesses, sobretudo voltados para solapar conhecimentos das ações repressoras do Estado. E as mídias, censuradas pelo poder estatal, corroboravam com determinadas visões, apresentando o futebol como uma estrutura lúdica e positiva, representativa de uma nação gloriosa e feliz. Essa apresentação só era possível pela importância que o futebol representava no cotidiano brasileiro. Se fosse outro esporte que tivesse esta importância, talvez também fosse utilizado para fins políticos.

Outro aspecto importante está no fato de o futebol ter adquirido ao longo do século XX uma importante carga social em diversos países, verificado no momento da realização das Copas do Mundo, ganhando notoriedade midiática desde sua disseminação pelos jornais impressos, passando pelo rádio e chegando até a televisão nos anos 1960.

Segundo Lovisolo (2011), o futebol (e os esporte de rendimento e mercantilizados) eram tratados até os anos de 1980 dentro de “relações sociais de produção e poder” (p. 12), onde a prática esportiva realizada por trabalhadores contribuía para o disciplinamento voltado para a produção industrial capitalista. Este fator dava ao esporte um caráter funcionalista justificando a dominação de classes.

Ainda conforme Lovisolo (ibid.), as produções antropológicas relacionadas ao viés histórico surgidas nos anos de 1980 mudou a perspectiva filosófica encadeada ao marxismo e à Escola de Frankfurt descrita no parágrafo anterior. No caso do Brasil, Roberto DaMatta contribuiu para a mudança.

Em vez de alienação e controle, as palavras-chave passaram a ser singularidade, identidade, emoção, criatividade, estilo, imaginação e outras da mesma matriz. [...] O futebol passou a ser exaltado como popular, participativo e expressão autêntica cultura ou do ser nacional (LOVISOLO, 2011, p. 15).

DaMatta (1982) não apresenta o esporte através de suas funções e utilidades em um dado sistema social, “mas para a descoberta das implicações e consequências que este domínio do social (...) permite vislumbrar” (p. 24). Assim, o autor coloca diversas questões com o intuito de refletir sobre as relações de sentido que o futebol pode apresentar como ferramenta de explicação da sociedade, não distanciando este esporte do cenário sociopolítico, mas verificando toda a sua dimensão.

O texto de DaMatta (1982) apresenta um estudo comparativo entre o significado do futebol nos países anglo-saxões e o Brasil. Enquanto na Inglaterra e nos EUA a palavra

futebol significa *sport*, no Brasil ela representa o qualitativo jogo. Desta forma, no caso brasileiro, o futebol “é um meio altamente significativo de veicular mensagens sobre o que é realmente ser brasileiro, sobre o sentido da vida, do destino e do papel da técnica no universo social” (p. 29). No mesmo sentido, DaMatta define:

O futebol brasileiro (...) pode ser estudado como sendo capaz de provocar uma série de dramatizações do mundo social. Um dos traços essenciais do drama é a sua capacidade de chamar a atenção, revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou de virtualidade num dado sistema social. (*ibid.*, p. 29)

Em relação às regras do futebol, DaMatta (1982) diz que elas

(...) demarcam com nitidez uma interação complexa entre as regras universais (as regras do jogo) e vontades individuais (das equipes e jogadores, em confronto). O resultado disso, como vitória ou derrota, é uma boa metáfora para o jogo como destino e biografia, tema básico da própria sociedade brasileira. (p. 31)

Como exemplo da citação acima, pode-se ver a derrota na Copa de 1950, realizada no Brasil, e o Tricampeonato mundial conquistado vinte anos depois no México. Ambos, por lados opostos, revelam o caráter de vários aspectos da sociedade brasileira. Ou seja, “(...) a popularidade de esportes como o futebol jaz na capacidade do esporte de possibilitar uma experiência com “estruturas permanentes” (DAMATTA, 1982, p.36): o conceito de “nação”.

Portanto, as conclusões do texto de DaMatta (*ibid.*) giram em torno do sentido de que “o futebol seria popular no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos.” (p. 40)

Segundo Helal e Gordon (2001), a construção da identidade nacional no Brasil teve uma forte contribuição do futebol, sendo o mesmo um ícone fundamental na consolidação de uma memória coletiva e na identidade do povo brasileiro.

O ‘país do futebol’ foi uma ‘construção’ social realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do ‘estado-nação’, acompanhado por formulações acadêmicas sobre a sociedade. Foi, de fato, a partir dos anos de 1930, que se apresentaram novas formas de se conceituar o País. (p. 31)

Para Helal e Gordon (*op. cit.*), o processo de construção do país do futebol teve como um dos seus precursores Gilberto Freyre, em sua obra *Casa Grande e Senzala*, que mostra a mistura de raças no país como um elemento positivo da identidade nacional, diferentemente de obras anteriores que classificavam negativamente a miscigenação. Esta visão do Brasil desencadeada na década de 30 do século passado, associado ao projeto político de nação do Estado Novo, teve relevante papel formativo da identidade nacional.

Nesta esteira, Mario Filho - amigo de Gilberto Freyre -, um dos fundadores do jornalismo esportivo no Brasil e figura de destaque no movimento de demonstração da importância do futebol para a identidade nacional, utilizou as teses do amigo para criar sua visão do futebol na sociedade brasileira, sobretudo na sua obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, onde mostra a importância dos negros na formação da cultura futebolística brasileira.

(...) Mario Filho (...) ilustra muito bem os reflexos dessa imagística bem como da teoria do branqueamento. Isto associado à flexibilidade das categorias raciais tinha como resultado o fenômeno interessante da recusa à negritude. Todo mundo queria “embranquecer” um pouco, seja do ponto de vista físico, quanto moral. Nota-se que esta representação racial no domínio futebolístico vai dando lugar a outra, principalmente a partir do final da década de 30 (...), em que a mestiçagem e a negritude passam a ser vistas como valor positivo e não mais negativo. (HELAL e GORDON, 2001, p. 62)

Esses dois autores - Gilberto Freyre e Mario Filho, portanto, foram fundamentais, segundo Helal (2001), para a o estabelecimento da imagem de “país do futebol”, na qual os brasileiros e os estrangeiros qualificavam o Brasil durante grande parte do século XX. No entanto, mudanças estruturais na interpretação pública sobre o esporte possivelmente trouxeram noções distintas na imagem sobre o futebol brasileiro, sobretudo na sociedade brasileira.

As mudanças de imagem podem ter sido provocadas pela intensa globalização do futebol, principalmente com a imigração de jogadores de todos os pontos do planeta (e os brasileiros, estão entre os que mais imigraram), depositando uma visão menos nacionalista e fortalecendo a ideia de que os jogadores e os seus times estão vivendo num cenário em que suas nacionalidades são menos importantes do que outrora.

Pode-se verificar o cenário descrito no parágrafo anterior através da importância que a imprensa esportiva dá aos times internacionais, principalmente europeus, pois estes concentram grande parte dos jogadores mais destacados de vários países, especialmente latino-americanos e africanos. O espaço dedicado aos times europeus vem aumentando nos últimos tempos, se compararmos com aquele firmado nos anos 1970 do século passado, onde a imagem de “país do futebol” no Brasil teve a sua maior expressividade.

Apesar da mudança significativa que o futebol brasileiro teve no processo de globalização, na profissionalização da técnica e do esporte e na sua espetacularização através mídia, que trazem a impossibilidade de descrever o Brasil como “O País do Futebol”, mas apenas como mais um país dentre outros, ainda assim é fundamental mergulharmos na

construção histórica deste simbolismo por parte de seus agentes, os torcedores, devido a sua grande importância para a identidade nacional.

1.2 Considerações sobre a construção de um objeto de estudo no campo das representações sociais

Para a delimitação de um objeto de estudos em representação social, é necessário ater-se em duas questões fundamentais: no próprio objeto que suscita a representação e no sujeito que elabora a representação.

Segundo Sá (1998), no campo de estudos das representações sociais devemos distinguir os fenômenos dos objetos, visto que os fenômenos “estão por aí”, na cultura, no cotidiano e não podem ser captados diretamente. Portanto, devem ser transformados em objetos “maneáveis para a prática científica”, visto que nesta transformação tais fenômenos tornam-se mais organizados e inteligíveis.

A discussão que se impõe quando da delimitação de um objeto para estudo no campo é de que se todo e qualquer objeto (ou fenômeno) poderia se tornar alvo de um estudo na área. Desta forma, cabem algumas considerações:

Nesse sentido, lembremos a proposição teórica de que uma representação social é sempre de alguém (o sujeito) e de alguma coisa (o objeto). Não podemos falar em representação de alguma coisa sem especificar o sujeito – a população ou conjunto social – que mantém tal representação. Da mesma maneira não faz sentido falar nas representações de um dado sujeito social sem especificar os objetos representados.” (*ibid.*, p. 24)

Primeiramente, deve-se destacar que mesmo que intuitivamente escolhido, o fenômeno a ser organizado para estudo no campo deverá ser simplificado ou reduzido a um objeto capaz de verificação sistematizada. Sá (*op. cit.*) destaca algumas decisões importantes a serem tomadas nesta situação:

- Em primeiro lugar, precisamos decidir como enunciar exatamente o objeto da representação a ser considerado, de modo a evitar, pelo menos em um primeiro momento, uma “contaminação” pelas representações de objetos próximos a ele.
- Em segundo lugar, precisamos decidir quais serão os sujeitos – grupos, populações, estratos ou conjuntos sociais concretos – em cujas manifestações discursivas e comportamentais investigaremos o conteúdo e a estrutura da representação.
- Em terceiro lugar, precisamos decidir o quanto de “contexto sociocultural” e de que natureza – práticas específicas, redes de interação, instituições implicadas, comunicação de massa acessível, etc. – levaremos em consideração para esclarecer a formação e manutenção da representação. (p.25)

Dessas decisões, derivam questionamentos fundamentais sobre o objeto que se pretende construir: “(1) Quem sabe e de onde sabe?” (...) “(2) O que sabe e como sabe?” (...) “(3) Sobre o que sabe e com que efeito?” (JODELET apud SÁ, 1998, p. 32)

A partir dessas repostas podemos demarcar um determinado objeto verificado ou intuído a partir de fenômenos sociais específicos e que produzem determinadas práticas sociais e tipos de relações interpessoais como seu efeito.

Para ser considerada social, não basta a existência em si de um saber compartilhado socialmente, ele deve ser produzido na comunicação cotidiana e possui a funcionalidade de dar sentido à realidade e viabilizar a comunicação social. Dessa forma, a delimitação do sujeito da representação social torna-se simplificada se o objetivo da pesquisa está vinculado a um grupo específico (como alunos e professores, torcida de futebol, profissionais de uma determinada área) e está relacionado a um objeto no quais todos possuem indiscutível acesso.

Entretanto, há outro tipo de pesquisa, do qual este projeto faz parte, em que a delimitação dos sujeitos da pesquisa torna-se mais complexa, pois se refere a uma instituição social como a mídia impressa. Mas quanto a esta questão, Sá (1998) defende que não é considerado “uma heresia utilizarmos – o que é feito com frequência – grupos taxionômicos como sujeitos das representações que precisamos” (p.56)

Nessa perspectiva, entende-se que embora a mídia impressa de um momento histórico não configure um sujeito bem delimitado, ela apresenta o indicativo das ideias e representações presentes na época, tendo em vista a relação que a mídia estabelece com a sociedade no sentido de alimentar opiniões e privilegiar assuntos em evidência social.

Diante do exposto, pode-se enunciar o objeto de estudo do presente trabalho como as representações sociais do Flamengo evidenciadas pela mídia impressa nas décadas de 1930 a 1960. Desta forma, pretende-se contribuir para o entendimento sobre o início da construção de como o Flamengo tornou-se o clube com uma das maiores torcidas brasileiras e, também, como a mídia contribui para a elaboração das representações sócias e/ou reflete o ideário de uma época.

1.3 Metodologia de coleta e análise dos dados

Conforme o explicitado anteriormente, nesta pesquisa optou-se por acessar as representações sociais do Flamengo a partir da mídia impressa. A escolha da referida mídia se deu em decorrência da importância que ela ofereceu ao futebol dentro da sociedade carioca, contribuindo para a difusão do espírito nacionalista dado à seleção brasileira de futebol.

Primeiramente foi escolhido O jornal dos *Sports*. Este foi fundado em 1931, por Argemiro Bulcão e Álvaro Nascimento, sendo adquirido em 1936, pelo jornalista Mario Filho. Segundo Hollanda (2009), o jornalista adquiriu o referido Jornal com a contribuição financeira de Roberto Marinho, Arnaldo Guinle e José Bastos Padilha, este último era seu cunhado e presidente do Clube de Regatas do Flamengo. Ainda segundo o autor, esta dobradinha entre Mario Filho e Padilha acabou por promover a popularidade do Flamengo.

Em seguida, e devido ao estado dos microfilmes da Biblioteca do referido jornal o que dificultou a coleta dos dados, houve a decisão de aumentar a abrangência de jornais investigados.

A coleta de dados foi realizada a partir da consulta e categorização das reportagens dos jornais que mencionaram o Clube de Regatas do Flamengo e a Favela da Praia do Pinto. O acesso a estes documentos será realizado na Biblioteca Nacional do Município do Rio de Janeiro.

Quanto à periodicidade da coleta, para a viabilização da pesquisa optou-se por quatro espaços temporais, que poderão contribuir responder a hipótese levantada:

1 – Coleta de reportagens no período de 1932, visto que configura o momento da ida do Clube de Regatas do Flamengo para a sede na Lagoa Rodrigo de Freitas, próximo à Favela da Praia do Pinto;

2 – Coleta de reportagens no final dos anos 1930, quando ocorre a construção do estádio de futebol do clube;

3 – Coleta de reportagens durante a primeira grande remoção dos moradores da Praia do Pinto, durante a década de 1950;

4 – Coleta de dados no período de saída da Favela da Praia do Pinto da Gávea.

Esses períodos históricos foram escolhidos porque possuem marcos significativos tanto para o clube como para a Favela e, portanto, podem contribuir no acesso aos dados que viabilizem o acesso à representações do Flamengo articulado à Favela da Praia do Pinto.

Como elemento obrigatório em qualquer pesquisa, foi utilizado o método bibliográfico para dar suporte à construção teórica e análise dos dados, além de coleta de dados históricos acerca do Flamengo, do futebol e da favela da Praia do Pinto.

Para análise dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo, que consiste em primeiramente realizar uma leitura flutuante dos dados coletados para apreendê-los em sua totalidade e, posteriormente, criar categorias que deem conta de explicitar o conteúdo das reportagens, evidenciando, também, o contexto de criação das representações sociais.

Segundo Bauer (2002), “a análise de conteúdo é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para um contexto social de maneira objetivada.” (p. 191)

Ainda segundo este autor

Através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem a expressão dos contextos, e o apelo através desses contextos. Se enfocarmos a fonte, o texto é um meio de expressão. (...) O corpus do texto é a representação e a expressão de uma comunidade que escreve. (...) Textos atribuídos contêm registros de eventos, valores, regras e normas, entretenimento e traços do conflito e do argumento. A AC nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores e atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades. (*ibid.*, p.192)

Além da análise de conteúdo, foi utilizada a estatística descritiva para que, a partir das frequências na emissão de determinadas ideias e na configuração das mesmas como elementos agregadores de sentido, possa-se chegar até as representações sociais do Flamengo na época mencionada.

2 A IMPORTÂNCIA DO TERRITÓRIO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Este capítulo pretende discutir as relações entre espaço geográfico e formação social como base para a construção de representações sociais. Para tanto, serão utilizados Abreu (1987), Santos (1997), Lima (1999), Valladares (2000), Enders (2002), Jodelet (2002), Slob (2002), Lessa (2005), Pereira (2010), Corrêa (2012), O'Donnell (2013).

Na divisão deste capítulo, serão abordadas as relações entre espaço material e espaço simbólico, ou seja, como as relações entre as pessoas e com o respectivo território cria um campo simbólico relativo ao espaço geográfico ao qual pertencem.

Em seguida, será apresentada uma breve história da construção da cidade do Rio de Janeiro no século XX e as respectivas representações, enfocando a Zona Sul, região onde o problema desta dissertação está circunscrito.

Por último, abordando o objeto da pesquisa em si, será apresentado um histórico e análise sócio-geográfica sobre a favela da Praia do Pinto.

2.1 Relações entre espaço material e espaço simbólico

Pensar a interferência do espaço geográfico na construção de representações individuais ou sociais remete à relação entre o indivíduo e o espaço urbano, erigido a partir de uma formação social do espaço. Partindo da referência da Psicologia Social, esta relação entre indivíduo e espaço torna-se constitutivo tanto de um como de outro, na medida em que contribui para a construção da identidade do sujeito, que intervém sobre o mundo e o transforma de acordo com os seus interesses e suas necessidades.

Abreu (1987) define uma formação social como “totalidade de processos econômicos e políticos que atuam numa sociedade”, possuindo, portanto, “uma estrutura econômica, uma estrutura jurídico-política (ou institucional) e uma estrutura ideológica” (p.16). Ou seja, o espaço delimita o contexto onde o político, o econômico e o cultural se articularão e embasarão a construção subjetiva de seus habitantes, que, na produção de sentidos sobre a realidade, pauta a sua ação sobre o mundo e as suas relações sociais. De acordo com Corrêa (2012)

Os agentes sociais da produção do espaço estão inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial capitalista. Refletem, assim, necessidades e possibilidades sociais, criadas por processos e mecanismos que muitos deles criaram. E são os agentes que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço intraurbano.

Afirma-se que processos sociais e agentes sociais são inseparáveis, elementos fundamentais da sociedade e de seu movimento.” (p.43-44)

Dessa forma, pode-se dizer que uma cidade vive (ou tem sua existência) nas relações que são estabelecidas entre as pessoas que ali habitam e delas com o espaço, nas construções que exprimem seus hábitos e tradições, de forma que fundamentam sua identidade a partir de uma história comum que alimenta suas memórias individuais e a memória do lugar. Segundo Jodelet (2002) “a significação do espaço é marcada pela cultura e pela história, e (...) as significações subjetivas que lhe emprestam seus ocupantes têm a ver com a biografia e a história do grupo.” (p.32)

Portanto, as tramas de significação e sentido dos sujeitos que habitam os centros urbanos materializam a cidade e seu modo de vida pela apropriação que fazem do espaço, e cria um ambiente simbólico que irá influenciar sua prática cotidiana, suas relações interpessoais e as suas intervenções no ambiente.

Segundo Jodelet (*ibid.*), no estudo sobre as relações entre cidade e seus sentidos,

A questão, pois, é saber em que condições a cidade pode aparecer com um lugar que possa ser definido por seu caráter identificador; um lugar que permita que seus habitantes se reconheçam e se definam por meio dele, que, por seu caráter relacional, permita a leitura da relação que os habitantes mantêm entre si (...) (p.33)

Para efeitos de pesquisa, Corrêa (2012) propõe uma tipologia de agentes sociais como ponto de partida para as análises das relações entre espaço urbano e sociedade. São agentes dessa relação “os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos” (2011, p. 44), e que, a partir das ações desses agentes, o espaço é produzido.

Interpretando e aprofundando o parágrafo acima, Jodelet (2002) acrescenta a necessidade de olhar o espaço geográfico como estabelecido também “no valor simbólico conferido ao ambiente construído pela cultura, pelas relações sociais, (e) pelo jogo de poder”, onde acontecem as elaborações de sentido e de significação do espaço da vida (p.34). Ou seja, um espaço representa uma ordem social, apresentando-se ao jogo de interpretações, e podendo ser estudado através das representações sociais elaboradas pelos indivíduos sociais.

Essas representações estão estreitamente relacionadas com as formas materiais e com a marcação social dos espaços. Os laços existentes entre a aparência física de uma cidade e seus elementos humanos são originários tanto da afirmação da especificidade do estilo de vida, do ambiente social e das atividades que dão sua unicidade à materialidade dos lugares quanto da inscrição das características sociais dos habitantes, que dão ao quadro urbano sua identidade e modulam seu valor físico. (JODELET, 2002, p. 35)

Um vestígio da história, mesmo que num passado distante, pode se fazer presente na memória dos habitantes de uma cidade, podendo essa memória ser resgatada e mostrar aspectos da elaboração da identidade e das identificações urbanas. Como exemplo, Jodelet (*ibid.*) mostra que na cidade de Paris, antes da grande reforma ocorrida na segunda metade do século XIX, os seus habitantes tinham uma visão das fronteiras locais da cidade relativamente bem definidas. De forma generalizada, a zona leste significava a pobreza e a oeste a riqueza, e que, muitos anos depois – mais de um século –, essas interpretações ainda perduravam entre os seus cidadãos. Isso significa a existência de uma “identidade dos lugares” (*ibid.*), onde os espaços físicos e suas idiossincrasias são vistas e utilizadas de maneiras diferentes, com o objetivo de proteger a identidade pessoal, sobretudo contra uma baixa estima de si próprios.

Cabe ressaltar que essa identidade dos lugares também pode ocorrer de forma negativa, como no caso do objeto da presente pesquisa – a identidade negativa de um grupo (torcida de futebol) devido à sua articulação com espaço geográfico onde o clube se localizava -, mas que também possui legitimidade como elemento nas análises de fenômenos identitários “observados nos conflitos de apropriação do espaço e da defesa dos espaços territoriais próprios aos diferentes grupos” (*ibid.*, p. 37).

Essa perspectiva de trabalho remete à necessidade de recorrer ao papel da memória na construção do sentido urbano, onde a relação entre essa memória e a cidade passa obrigatoriamente pela identidade, seja na identificação com o lugar, seja nas características identitárias que são colocadas como critérios de repostas às “imposições dos espaços coletivos pelos planos de urbanização” (JODELET, 2002, p. 38).

Resumidamente, é possível trabalhar as inter-relações entre cultura e espaço geográfico, de onde a cultura revela uma percepção ao pesquisador sobre a diversidade dos modos de vida, dos costumes, dos símbolos ou das práticas que os seres humanos utilizam nas diversas esferas de sua vida pessoal ou coletiva.

As teses aqui defendidas partem das análises da Geografia Cultural, que desejam estudar os significados da relação entre espaço geográfico e cultura, buscando entender as experiências ancoradas nos diversos grupos sociais componentes de uma sociedade. Segundo Corrêa (2012), “os significados são considerados instáveis, caracterizados pela polivocalidade, isto é, para cada grupo pode haver significados distintos para os mesmos processos e fenômenos” (p. 134).

Corrêa (2012), ainda prossegue estabelecendo contato entre formas simbólicas e espaço. Esse contato pode ser classificado em fixos (localizações) e fluxos (itinerários). Os fixos são os prédios, os palácios, as praças, os shoppings, as próprias cidades inteiras, os

bairros etc., e os fluxos são as procissões, desfiles, paradas, marchas etc., normalmente impregnados de significados simbólicos. “De um lado, localizações e itinerários simbólicos valorizam os locais e trajetos percorridos e, de outro, incorporam os atributos simbólicos que as localizações e os trajetos possuem” (p.137). Isso quer dizer, portanto, uma relação de mão dupla, complexa entre formas simbólicas e espaço, como, por exemplo, a mão dupla entre o Pão de Açúcar e a cidade do Rio de Janeiro.

Da mesma forma, pode-se pensar na relação estabelecida entre os simbolismos produzidos na articulação entre determinados rituais e seus locais de pertença, como os eventos de futebol e o ambiente no qual seus clubes estão sediados, tendo em vista que tais ritos ocorrem num determinado espaço, geralmente o estádio do clube, embebidos de relações sociais e de construção de representações sociais que formam este espaço simbólico.

Portanto, a pesquisa proposta pela presente Dissertação pretende acessar este espaço simbólico, que se constitui na interseção da relação das pessoas entre si e com seus respectivos espaços geográficos.

Para tanto, é necessário mergulhar, mesmo que brevemente, na história do lugar onde este espaço simbólico foi construído. Decidiu-se por apresentar esta história do geral para o particular para viabilizar o entendimento do contexto específico da sede do Clube de Regatas do Flamengo. Desta forma, a próxima parte abordará um pouco da história da cidade do Rio de Janeiro no século XX.

2.2 A construção da cidade do Rio de Janeiro no século XX e as representações da zona sul

Resumir a história de uma cidade, sobretudo uma cidade complexa como o Rio de Janeiro, é uma tarefa árdua. Porém, este é o objetivo desta parte da Dissertação, focando na zona sul da cidade, que no século XX tornou-se um local de destaque para a construção das representações sociais sobre a mesma.

Segundo Abreu (1987), as cidades brasileiras são na atualidade modelos da formação social brasileira, onde se reflete as coerências e contradições dos sistemas econômicos e políticos do país, fato pelo qual o Rio de Janeiro não pode fugir, sobretudo porque no período de 1763 até 1960, além de ser a capital política, foi a cidade mais populosa do Brasil, perdendo este posto apenas na década de 1950 para São Paulo. Este fator tornou a cidade um espaço modelar para o restante da nação.

Cabe destacar que a influência da cidade como modelo para o restante do país foi muito além de si mesma, visto que sua construção estava embasada em modelos urbanos internacionais, principalmente de Paris.

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi fundada no século XVI e, desde este momento, os portugueses já introduziram intervenções para mudar a configuração citadina, extinguíram pântanos, perfuraram morros, canalizaram o curso dos rios. Introduziram inúmeras alterações na paisagem natural de forma a construir a cidade conhecida na atualidade.

Desde a sua fundação, a cidade sempre evidenciou a característica da contradição entre sua exuberância e sua falta de organização. Segundo Enders (2002),

Desde a fundação da cidade pelos portugueses, as crônicas e as correspondências da época sempre mesclaram o encantamento suscitado pela exuberância do lugar e o desagrado provocado por um serviço ineficiente de limpeza urbana e por condições sanitárias lamentáveis. No Rio de Janeiro, a ordem e a desordem parecem sempre caminhar juntas. (p.2)

O próprio termo “carioca” traz em si a marca da contradição da cidade. Este nome foi uma designação dada pelos índios tamoiós, significando “casa de branco”, devido à primeira construção de pedra feita pelos portugueses em 1531, na beira do rio que ganharia o mesmo nome, posteriormente localizado nas cercanias da Floresta da Tijuca (*ibid.*).

No século XVII, a partir dos portugueses instalados na cidade, o termo carioca passa a ser utilizado para a designação da população do local ao invés do termo *flúmen*, que significa em latim rio, utilizado naquela época como substantivo principal e adjetivo para designar a cidade e seus habitantes.

Os dois termos permanecem juntos até o século XIX, onde a partir de uma alteração na Constituição imperial, ocorre a separação da capital do Brasil da província do Rio de Janeiro. Neste momento, o termo carioca passa a ser utilizado para designar o morador da metrópole e fluminense, o provinciano. De acordo com Enders (2002),

As relações acridoces entre o carioca da cidade e o fluminense do campo alimentam caricaturas recíprocas e contribuem para a afirmação indentitária de um e de outro. A inclusão da cidade do Rio no estado de mesmo nome, em 1975, não eliminou as diferenças segundo as quais, como diz a canção: “Carioca é carioca e fluminense é fluminense”. (p.5)

A cidade do Rio de Janeiro começa a mudar radicalmente a sua forma urbana somente a partir do século XVIII, quando também surgiu uma estrutura espacial estratificada em termos de classes sociais. Antes deste período, era uma cidade apertada entre os Morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antonio e da Conceição. Também era uma cidade de maioria

escrava, possuindo poucos trabalhadores livres. Seus moradores, inclusive a limitada elite administrativa, militar e mercantil, viviam muito próximos uns dos outros em decorrência da ausência de transporte coletivo e pela busca de uma defesa mais eficiente.

No entanto, a partir da vinda da família real portuguesa, em 1808, novas classes sociais aparecem impondo-se novas necessidades materiais, aumentando o desempenho das atividades econômicas, políticas e ideológicas.

Nessa esteira, inicia-se o ciclo do café, resultando nova expansão econômica e acarretando no século XIX um período de transformações relevantes. Em meados do século XIX, novos capitais são atraídos gerando investimentos em serviços públicos, como transportes, esgoto, gás, etc. que estavam relacionadas às crescentes demandas que a cidade assumia.

Mesmo mostrando avanços na estrutura urbana, o Brasil passava por uma contradição entre o modelo arcaico escravista e os modelos capitalistas, introduzidos recentemente, o que assentou a cidade sob duas lógicas diferentes que ocasionaram e evidenciaram conflitos no espaço urbano. Este embate ocorreu, sobretudo pelo fato de que a cidade pautada por escravos ausentes de possibilidade de consumo, não coadunava com as aspirações capitalistas de um espaço urbano com o propósito do crescimento da renda e do consumo.

De acordo com o pesquisador Mauricio de Abreu (1987), estas contradições começaram a ser superadas apenas na década de 1870, quando houve a introdução do bonde de burro e do trem a vapor, impulsionando o aumento da cidade. Cabe ressaltar que foi a partir deste momento que os bondes tomam a direção da zona sul.

A zona sul está localizada ao sul do Maciço da Tijuca, englobando diversos bairros: Glória, Santa Tereza, Catete, Flamengo, Laranjeiras, Cosme Velho, Botafogo, Urca, Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon, Gávea, Jardim Botânico, Humaitá, Lagoa, Vidigal, Rocinha e São Conrado. Suas origens vêm basicamente de localidades rurais, tornando-se, a partir da segunda metade do século XIX, uma região urbanizada e desejada para a moradia, devido a representação social de seus moradores de que em decorrência da sua proximidade com o mar, este local era apropriado para o desenvolvimento de uma boa qualidade de vida.

Nesta perspectiva, os bondes tiveram um papel de destaque, pois a partir deles ocorreu um padrão de ocupação das regiões citadinas, assim como da concentração de capital circulante. Os bondes e os trens formaram “uma dicotomia núcleo-periferia” (*ibid.*, p. 44) que até hoje marca a estrutura do Rio de Janeiro.

Na década de 1870, Botafogo usufruía da alcunha de bairro mais elegante da cidade, sendo privilegiado por altos funcionários da burocracia nacional além de empresários e integrantes de corpos diplomáticos para a respectiva residência.

Antes de Botafogo, a região que possuía tal valorização era São Cristóvão, na zona norte, principalmente em decorrência da proximidade com Palácio da Família Real. Este bairro, além da perda de status devido a Proclamação da República em 1889, também começou a ser procurado para a instalação de indústrias que desejavam circunvizinhança com os eixos ferroviários do porto e do centro da cidade. Outro fator que enfraqueceu a posição deste bairro, muito coligado a uma questão ideológica, foi a representação citada anteriormente de que a qualidade de vida estava a beira-mar. Ou seja, os eixos residenciais de qualidade no Rio de Janeiro, começaram sua transferência para a zona sul da cidade, iniciando por Botafogo.

Na década de 1880, já se planejava o desbravamento para a região de Copacabana, que ainda era muito isolada, necessitando da abertura de um túnel para a chegada ao local. Este fato ocorreu em 1892 com a abertura do Túnel Velho.

Em 1900 a Companhia Jardim Botânico, que detinha os direitos de construção e controle de parte das redes de bonde na cidade, inaugurava uma rede de tráfego eletrificado em direção ao Largo dos Leões e a Escola Militar na Praia Vermelha. Nesta esteira, permitia-se, também, a chegada até Vila Ipanema, inclusive com o estabelecimento de uma rede elétrica urbana até esta região.

A partir de uma rápida análise desta estruturação urbana, verifica-se uma visão expansionista em direção à zona sul, no final do século XIX e início do século XX, faltando apenas a instalação de redes de transporte e iluminação até o distante bairro do Leblon.

Segundo Pereira (2010), após a Proclamação da República, o Rio de Janeiro passou por significativas mudanças. Entre 1892 e 1913, pensava-se em tornar a cidade como a representação “da grandeza que se esperava para o futuro do país” (p.16). Diversos equipamentos foram construídos, como exemplo, o prédio da Academia Brasileira de Letras, em 1896, a conclusão das obras da Igreja da Candelária, em 1898, além da inauguração do Teatro Municipal, em 1909 e, um ano depois, da Biblioteca Nacional.

Como ponto marcante deste período, foi dado ao prefeito Pereira Passos a possibilidade de construção de um grande plano sanitário e da Avenida Central, finalizado em 1905, o que permitiu a implantação de várias outras obras urbanísticas. Neste movimento, o prefeito colocava em prática um grande reordenamento urbano, que significava a demolição de prédios e cortiços antigos, permitindo a abertura de avenidas, novos edifícios e jardins.

As pessoas que viviam nestes velhos prédios e cortiços caminharam para as periferias e para os morros da cidade, configurando um dos fatores que influenciaram o surgimento das favelas. Segundo Valladares (2000),

Os estudiosos do cortiço no Rio de Janeiro mostram que essa forma habitacional correspondeu à “semente da favela”. Seja por já se notar no interior do famoso “Cabeça de Porco” a presença de casebres e barracões (Valladares apud Vaz, 1994, p. 591), seja por ter havido uma relação direta entre o “bota abaixo” do centro da cidade e a ocupação ilegal dos morros no início do século XX (Valladares apud Benchimol, 1982; Rocha, 1986; Carvalho, 1986). Alguns estabelecem uma relação direta entre o “Cabeça de Porco” e o desenvolvimento inicial do morro da Providência, depois conhecido como morro da Favella. (p. 7)

Mesmo com a cidade se desenvolvendo a “olhos vistos”, ela apresentava diversos problemas, principalmente sanitários, com um precário sistema de coleta de lixo e uma forte mendicância. Os cortiços, principalmente os da zona portuária, se apresentavam como grande aglomerado de pessoas, onde diversas doenças se proliferavam, como tuberculose, febre amarela e lepra, acarretando uma alta taxa de mortalidade de crianças e adultos. (PEREIRA, 2010)

Licia Valladares (2000) aponta que nesta migração dos desalojados dos cortiços para os morros, este espaço mostra-se como um território de miséria e caos, faltando o acesso aos equipamentos governamentais de saneamento, educação e saúde. Segundo a referida autora,

Somente após ferrenha campanha contra o cortiço as atenções começam a se voltar para esse novo espaço geográfico e social que vai despontando, gradativamente, como o mais recente território da pobreza. Em especial, *uma* favela cataliza as atenções, mais precisamente o morro da Favella, que entrou para a história por sua associação com a guerra de Canudos, por abrigar excombatentes que ali se instalaram para pressionar o Ministério da Guerra a lhes pagar os soldos devidos. O morro da Favella, até então denominado morro da Providência, passa a emprestar seu nome aos aglomerados de casebres sem traçado, arruamento ou acesso aos serviços públicos, construídos em terrenos públicos ou de terceiros, que começam a se multiplicar no centro e nas zonas sul e norte da cidade do Rio de Janeiro. (p. 7)

Nesse contexto, Pereira (*op.cit.*) aponta que “(...) no Rio, há várias cidades dentro da cidade (...)” (p.19), observando-se no Centro uma região do comércio mercantil, porta de entrada e berço do desenvolvimento urbano. A zona sul, tornou-se o balneário, habitação de famílias abastadas e distante da desorganização portuária. E a zona norte, inicialmente local de abastecimento alimentar da população, após o processo de industrialização do Brasil, torna-se uma zona industrial associada a moradias da classe média e famílias mais pobres.

As décadas de 1920 a 1960, segundo Lessa (2005), “Foram de prosperidade e de acumulação de prestígio no Rio de Janeiro.” (p.237) A reforma realizada pelo prefeito Pereira Passos no início do século XX, seguiu seu propósito encaminhando o desenvolvimento pelas

margens das praias da Baía da Guanabara, visando chegar ao oceano Atlântico. Buscavam-se inovações urbanas baseadas nas sociedades desenvolvidas, alimentada por uma expansão industrial que ocorria no Brasil.

Ainda neste período, Abreu (1987) destaca o primeiro megaevento do Rio de Janeiro, ocorrido em 1922, sobre o Centenário da Independência do Brasil. A Exposição Internacional pretendia acolher um grande número de turistas incluindo personalidades nacionais e internacionais. À época, o prefeito Carlos Sampaio, dispondo de pouco tempo para organizar o evento, decidiu a derrubada do Morro do Castelo, local que possuía importância histórica na formação da cidade e se tornara residência de muitas famílias pobres. A justificativa para derrubada concentrava-se na higienização e na melhoria estética do local, pois estava junto à principal avenida do Rio (a Rio Branco) e tinha, portanto, uma grande valorização econômica do solo. Após o desmonte, este local tornou-se o ambiente da Exposição Internacional.

Com relação ao desenvolvimento industrial, o Rio de Janeiro disputava com São Paulo a hegemonia do processo, logo superada pela capital paulista, que assumiu o posto de cidade manufatureira. Apesar desta derrota, o prestígio carioca permaneceu forte, devido ao fato de ser a capital da República e possuir em seu território uma série de serviços governamentais e econômicos, como por exemplo, os serviços bancários e sedes de empresas nacionais e estrangeiras, além de oferecer uma diversidade de equipamentos culturais e artísticos que, sem dúvida, contribuíram para dar relevância ao município. (LESSA, 2005)

Ainda como ilustração deste período, destaca-se o bairro de Copacabana, que assumiu um prestígio urbano de local de manifestações glamourosas, de onde os mais velhos testemunharam a rápida transformação do bairro em um condensado de edifícios modernos que evidenciavam um novo estilo de vida. Neste momento, confirma-se a importância da vida à beira-mar, com a migração de famílias que moravam em casas amplas nas zonas suburbanas da cidade, para apartamentos de menor extensão na “princesinha do mar”. (LESSA, 2005)

A zona sul transformava-se em polo atrativo do mercado de trabalho do setor terciário, sobretudo Copacabana, que, por conseguinte, atraiu farta mão de obra barata, ocupando as áreas íngremes que eram desvalorizadas pelo mercado imobiliário, originando novas favelas. (ABREU, 1987)

Até 1930, a “zona sul oceânica” era fundamentalmente residencial. No momento seguinte, entre 1930 e 1950, várias transformações aconteceram, tendo a inflação elevada da época atraído empresas da construção civil que exploraram a ideologia de morar à beira-mar. Este processo exigia obras infraestruturais, principalmente de malha urbana e serviços elementares, resultando na década de 1940 em dificuldades estruturais na área. O bordão

musical “Rio de Janeiro, cidade que me seduz, de dia falta água, de noite falta luz”, representa o que significou o grande investimento imobiliário sem, no entanto, o planejamento urbano necessário que desse conta do *boom* populacional que se verificara, especialmente em Copacabana.

Como consequência da intensa verticalização desse bairro, foram instituídas Leis, a partir do final de 1940, dispondo sobre a limitação do número de pavimentos e do uso do solo nos bairros vizinhos a ela, sobretudo Ipanema, Leblon e Lagoa, visto que, os outros bairros da zona sul, como Botafogo, Flamengo, Laranjeiras, Catete e Glória, sofreram poucas mudanças em relação aos períodos anteriores. Devido a isto, Copacabana sofreu uma depreciação imagética dando aos seus vizinhos oceânicos uma representação mais positiva quanto à qualidade de vida e tornando-as regiões muito desejadas até os dias atuais para moradia, inclusive com uma valorização do solo muito mais elevada do que a média da cidade.

Com relação ao objeto desta Dissertação, cabe ressaltar que a zona sul do Rio de Janeiro, teve um aumento considerável do processo de favelização, instaurando nesta região os conflitos advindos da relação entre “asfalto e morro”. Sob a administração municipal do prefeito Carlos Sampaio, ocorreram algumas obras importantes na cidade, como o surgimento do bairro da Urca, da Avenida Maracanã com a canalização dos rios na Tijuca e o alargamento da Avenida Niemayer, além da concessão do terreno para a construção do Jockey Clube Brasileiro, na Gávea.

Nesse contexto e ainda sob a administração deste prefeito, houve a integração da região da lagoa Rodrigo de Freitas, considerada uma “área nobre”, à zona sul. Residia nesta área uma

(...) população diferente daquela que se fixava nas demais áreas da zona sul. Era na verdade uma população operária, atraída à área pela instalação de grandes indústrias têxteis no último quartel do século passado, ou que simplesmente ia procurar aí uma residência gratuita em terrenos abandonados e “pantanosos”, e que pagava com a saúde o que não podia pagar pecuniariamente. (ABREU, 1987, p.77-78)

A urbanização da Lagoa Rodrigo de Freitas, posicionada entre vários bairros da zona sul, estava associada a um plano que buscava representar um ambiente citadino onde características como juventude, investimento, salubridade, tranquilidade e prazer vinculava-se ao inevitável movimento de crescimento e organização da cidade do Rio de Janeiro. Este processo, iniciado por Copacabana, que já na década de 1920, começava a receber as primeiras críticas de adensamento populacional, permitiu que bairros atlânticos vizinhos – Ipanema, Leblon e São Conrado – recebessem investimentos de infraestrutura para receberem moradias com as características descritas acima. A comprovação deste projeto está presente

numa aposta de investidores apresentados em 1892, que se chamava “Cidade Balneária Cidade da Gávea”, que propunha a urbanização de toda a orla de Copacabana até São Conrado. (O’DONNELL, 2013)

Na esteira desse movimento de desenvolvimento direcionado à zona sul e na migração cada vez mais forte de uma população representativa das classes mais elitizadas da cidade, as zonas operárias que ficavam nestas regiões – principalmente Gávea e Jardim Botânico – começaram a ser reivindicadas como espaço de habitação da elite, reforçando o ideário de extirpação de favelas e locais de moradia das classes pobres, áreas que “abrigavam” e representavam o “caos” urbano e social.

Nesse sentido, toda uma política de desocupação destes locais – favelas e comunidades operárias – iniciado desde o início do século XX, com o “bota abaixo” da polícia aos cortiços, o que conforme mencionado anteriormente evidencia o processo de favelização da cidade, revelam ideias que povoam o imaginário social de que as áreas mais pobres, da criminalidade, da falência moral e da falta de higiene, devem estar afastadas do centro e das áreas mais nobres da cidade.

2.3 A Praia do Pinto

Ao longo da história fundiária carioca, a zona sul se tornou a área mais valorizada da cidade do Rio de Janeiro, tendo o bairro do Leblon como a parte mais cobiçada em termos de preços de seus imóveis. Muitos dos seus moradores consideram o bairro como uma espécie de “aldeia encantada”. (LIMA, 1999)

Entretanto, como mencionado anteriormente, a história da construção da cidade evidencia as contradições existentes desde o seu nascimento. A partir do século XX, é perceptível um processo de urbanização da cidade aos moldes de cidades europeias e permeadas de um ideário higienista, que considerava a miséria, a falta de higiene, nutrição inadequada e a desorganização social a causa de severas epidemias que assolavam a população, principalmente a mais pobre.

Diante desse fato, várias representações sobre o dever ser da qualidade de vida são elevados à primeira importância, onde mostram-se indissociados a organização urbana com políticas de saneamento, iluminação, transporte e disposição das habitações de modo a trazer mais saúde e qualidade de vida para a população.

Nesse contexto, os ares à beira-mar eram indícios significativos da qualidade de vida e a prática dos *sports*, também. Surge, então, o cenário ideal para que a representação espacial

no Rio de Janeiro reifique a zona sul como local privilegiado e o subúrbio como espaço para as classes proletárias. Com relação à prática de esportes, os locais à beira-mar eram privilegiados devido à prática do remo, considerado um esporte de grande destaque na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX.

A história da Favela da Praia do Pinto retrata a forma como a administração municipal lidava com relação à dicotomia existente entre a elite burguesa e a pobreza dos operários e descendentes de escravos. A forma misteriosa como se deu o seu final através de um incêndio que a dizimou traz a questão sobre uma provável intervenção do Estado para a eliminação da favela e o incremento do investimento imobiliário no bairro do Leblon devido ao valor pecuniário do solo.

Até 1942, a Comunidade da Praia do Pinto constituía-se como parte de um grupo de três favelas situadas em frente à Lagoa Rodrigo de Freitas, com acesso pela Rua Humberto de Campos, no bairro do Leblon. Bairro que, segundo Lima (1999), na sua origem constituiu-se como um espaço prioritariamente residencial, onde uma classe média abastada comprava lotes atraídos pela chegada do bonde, pela praia e pelo ambiente paisagístico.

Uma formação social heterogênea iniciou a partir de 1935, quando moradores da comunidade da Chácara do Céu, que ficava na encosta do Morro Dois Irmãos, foi transferida para um terreno “próximo à Lagoa e ao campo do Clube de Regatas do Flamengo (inaugurado em 1939), originando a favela da Praia do Pinto”. (LIMA, 1999, p.33) Logo, esta favela abrigou, além dos moradores da Chácara do Céu, parte dos proletários que trabalhavam em algumas indústrias têxteis no bairro vizinho da Gávea, juntamente com imigrantes nordestinos que vinham para a cidade tentar a sorte, constituindo uma localidade, do ponto de vista urbanístico, bastante desorganizada.

De acordo com Abreu (1987), a década de 1940 teve a maior expansão até então de favelas no Rio de Janeiro. No Censo de 1948, havia um total de 105 favelas na cidade, sendo que a zona sul detinha 24% deste total, ou seja, isto significava que a zona sul, apesar de constituir-se como um polo de atração de moradias mais elegantes, ao mesmo tempo e em consequência disso, levava as classes mais baixas a procurarem moradias baratas com a intenção de se estabelecerem próximos aos seus trabalhos. Este fato pode ser confirmado através do dado de que 79% dos moradores das favelas da zona sul, trabalhavam na própria zona de residência (ABREU, 1987).

Esse conjunto de favelas - Praia do Pinto, Largo da Memória e Cidade Maravilhosa - teve seu máximo crescimento nos anos 30 e 40, do século XX, e constituía uma das maiores da cidade devido a alguns fatores, tais como: (1) o crescimento imobiliário no

bairro do Leblon e a construção do Jockey Clube que proporcionaram o surgimento de muitos empregos na região relacionados à construção civil; (2) a mobilidade urbana devido a construção da linha de bonde que chegava até o bairro da Gávea passando por aquela localidade, o que viabilizava o trabalho de seus moradores nos outros bairros da zona sul da cidade.

No início da década de 40, do século XX, este conjunto de favelas possuía cerca de 3.500 habitações, das quais a Favela da Praia do Pinto era a maior e a mais desprovida de condições mínimas de saneamento e espaço para os seus moradores. A maior parte de seus barracos (cerca de 60%) era constituída por apenas um cômodo, possuindo teto de zinco (aproximadamente 70%) e chão de terra (perto de 60%). Esta falta de espaço e de condições estruturais mínimas causava uma alta rotatividade dos seus habitantes, que parte da semana permaneciam na casa de parentes e a outra parte nos seus barracos na comunidade (SLOB, 2002). Como área de lazer, a favela possuía um único campo onde as crianças jogavam futebol, evidenciando o esporte como um fator de agregação social.

Ainda segundo Slob (2002), a desorganização estrutural da Praia do Pinto pode ser verificada através do Censo de 1950, onde, para a organização do espaço para os recenseadores realizarem a pesquisa, foi necessário a utilização de fotografias aéreas, tendo em vista que as casas forma erguidas sem qualquer preocupação com uma organização básica de ruas/ruelas. A aurora destaca que eram constantes as reclamações dos moradores relacionados a enchentes, goteiras e ratos. A desorganização também produzia muitos aborrecimentos aos moradores devido à falta de demarcação e limites bem definidos entre uma casa e outra, que acarretavam em disputas e violência, que, em casos mais graves, chegava até a punhalada. (SLOB, 2002)

A falta de água encanada, sistemas de esgoto e a insalubridade do local tornava o ambiente propício a uma série de doenças contagiosas como a tuberculose e a difteria. O tétano e a sífilis também geravam grande preocupação. A maior parte da mortalidade infantil acontecia antes dos dois anos de idade.

Nos anos 1950, por intermédio da Fundação Leão XIII, parte da favela foi removida para um conjunto de dez prédios nas cercanias da localidade – a Cruzada de São Sebastião - fato este fruto das iniciativas de Dom Hélder Câmara no objetivo de melhorar as condições de vida das favelas cariocas, através de uma política da Arquidiocese do Rio de Janeiro (SLOB, 2002).

Essa transferência parcial foi considerada a única mudança efetiva de moradores de favela na cidade onde se mantinha características de respeito à localidade de origem,

considerando as rotinas de trabalho dos habitantes e não fazendo, como foi comum nas outras favelas removidas, mudanças para lugares distantes.

Em 1969, o restante da favela que não fora substituída e que margeava a lagoa Rodrigo de Freitas e o Clube de Regatas do Flamengo, foi acometida por um sério incêndio que destruiu por completo a favela, tendo os seus moradores migrados para regiões distantes dali, mantendo, nesta última instância, a lógica comum às remoções.

3 O FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO

Neste capítulo, será apresentado um cenário geral do futebol no Rio de Janeiro, principalmente em relação aos grandes clubes cariocas e o processo de popularização dos mesmos. Acoplando com os objetivos desta Dissertação, a popularização destes clubes será descrita através das relações espaciais que eles estabeleceram com as localidades no Rio de Janeiro, mostrando como os torcedores e as representações dos clubes também se formaram numa construção sociogeográfica. Entretanto, destaca-se que o cenário futebolístico iniciou-se no Brasil como um esporte elitista, oriundo de empresários e funcionários ingleses (e descendentes), e que gradativamente foi sendo absorvido pelas camadas mais pobres da sociedade. Hollanda (2009) comenta sobre isso:

Sabe-se que a difusão internacional dos esportes modernos originados na Inglaterra se deu na virada do século XIX para o século XX e que, dentre eles, o football association se disseminou com maior êxito graças à sua capacidade extraordinária de transposição de fronteiras geográficas, econômicas e sociais. No bojo da concorrência imperial britânica pela dominação de portos e pela construção de estradas de ferro, dada colônia, ex-colônia ou república emergente assimilou em escala local não somente as respectivas práticas esportivas como também a constelação linguística subjacente a elas (p. 95)

A esse respeito, Caldas (1990) afirma que:

Há que se destacar, porém, que boa parte da trajetória inicial do futebol no Brasil possui caráter elitista e, dificilmente poderia ser de outra forma. Os ingleses, precursores deste esporte em nosso país, faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca; além deles, somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol. É preciso ainda levar em conta quase todo o material necessário para o jogo era importado e muito caro. Este aspecto, é claro, só tronaria o futebol ainda mais elitizado. Mandar buscar material na Inglaterra não era uma coisa acessível a qualquer pessoa aficionada do futebol. Com efeito, a trajetória deste esporte mudaria até com certa rapidez. E, rigorosamente, é só a partir do início dos anos trinta, que vamos presenciar o declínio deste elitismo. (p. 24)

Além de elitista, os passos iniciais também foram marcados por aspectos racistas, onde havia a restrição de pessoas negras e pobres em praticar o futebol nos clubes localizados em áreas da zona sul da cidade, que eram espaços reservados às classes mais abastadas.² Este fato, no entanto, não impedia os negros e pobres de praticarem o futebol em áreas geográficas nas quais possuíam controle, como as favelas e os subúrbios distantes.

A passagem de um esporte de elite para um de âmbito popular marcou a história do futebol no Brasil, visto que através dela pode-se verificar a resistência dos clubes que

² Ao longo do final do séc. XIX e início do séc. XX, a zona sul da Baía de Guanabara já se tornara uma zona elitizada. E, a migração para a zona oceânica iniciou a partir da abertura do Túnel Velho em 1892. A este respeito, verificar Maurício de Abreu, “Evolução Urbana do Rio de Janeiro”, 1987.

praticavam este jogo em incluir as classes menos favorecidas. Tal configuração espelhava as características sociais construídas ao longo da trajetória sociopolítica brasileira, desenhada por uma abolição tardia dos escravos e de uma república que nascera atrelada a aspectos patrimonialistas, buscando perpetuar grupos políticos na estrutura do poder.³

Com as mudanças ocorridas na esfera urbana na passagem do século XIX para o XX, o futebol foi adquirindo relevância social, sendo um dos elementos que ganhava preferência nas possibilidades de engajamentos de lazer que os cidadãos construíam.

Outro elemento fundamental para a popularização do futebol foi a participação dos veículos de comunicação na construção de representações sociais sobre o esporte. Através deles foi possível a difusão em massa de características marcantes do futebol que chamaram a atenção de seus espectadores e interessados, o que fomentou a construção de representações sobre os espetáculos futebolísticos.

Neste sentido, esta Dissertação abordará a questão da construção das representações sociais a partir de teóricos que estudaram e analisaram a história do futebol carioca, como Helal (2001, 2011), Hollanda (2009), Bellos (2003), Pereira (2010), Pereira (2000).

Este capítulo está dividido, na primeira parte, num resumo da chegada do futebol na cidade do Rio de Janeiro e, na segunda, a descrição da relação entre a Comunidade da Praia do Pinto e o Clube de Regatas do Flamengo.

3.1 De esporte elitista para um esporte popular

O cenário sociopolítico do surgimento do futebol na cidade e no país estava mergulhado numa república recém-nascida, com os escravos libertos também em período recente, apontando um conflito entre as classes mais abastadas com os mais pobres, sobretudo os negros.

Entretanto, o Rio de Janeiro, capital da República, não estava concentrado somente neste conflito, pois imigrantes vindos de diversos lugares e as novas classes médias também participavam deste panorama, compondo uma cidade diversificada e complexa.

Nesse ambiente, a história do futebol no Rio de Janeiro teve seu início no século XX e pode ser resumida, segundo Pereira (2000), em quatro períodos:

1) Surgimento do esporte na cidade a partir de imigrantes europeus endinheirados e seus descendentes, tornando-se um jogo elitizado e “inacessível a negros e a trabalhadores em

³ Sobre esta discussão, ver Boris Fausto, “História concisa do Brasil”, 2012.

geral” (*ibid.*, p. 16). Os jogos eram admirados e praticados nos clubes recém-fundados na zona sul da cidade;

2) Disseminação do futebol pelas classes excluídas, tendo em vista que não era possível, na passagem da década de 1910, manter o futebol apenas concentrado nos clubes elegantes, como era desejo de muitos daqueles que trouxeram o futebol para o Brasil, sendo o esporte cada vez mais jogado por aqueles que ficaram de fora no primeiro momento (negros e pobres), criando uma identidade brasileira, sobretudo através dos jogos nos quais os atletas brasileiros selecionados faziam contra estrangeiros;

3) Momento em que o futebol ganha novos significados, pois, apesar de ter havido um compartilhamento do sentimento entorno dos jogadores selecionados que representavam a identidade nacional, os diversos torcedores cariocas construíram diferentes interpretações sobre o futebol. O esporte tinha se tornado um espaço de apresentação de diversos segmentos a respeito de suas ideias e posicionamentos sobre variados assuntos, estabelecendo um cenário de apresentação peculiar a propósito da própria sociedade;

4) Criação da identidade nacional, visto que nas décadas de 1920 e 1930, com a diversidade advinda da miscigenação no futebol, houve a “transformação do jogo em uma força motriz do sentido nacional ainda hoje a ele associado” (*ibid.*, p. 17), permitindo colocar o futebol como um importante agregador dos sentimentos nacionais. Neste período, houve o processo de profissionalização do futebol, criando um embate entre o amadorismo e os grupos que defendiam que a profissionalização fazia parte da inevitável modernização do esporte, cenário que já estava ocorrendo em outros países ⁴.

Com relação ao surgimento do esporte no Rio de Janeiro, a chegada do futebol quase não foi notada. A historiografia mostra que foi Oscar Cox, um anglo-brasileiro, que tinha estudado na Suíça, o responsável por trazer os materiais para a prática do esporte. Em 1901, organizado pelo próprio Cox, ocorreu uma partida entre os membros do *Rio Cricket and Athletic Association* contra “jovens desocupados locais” (BELLOS, 2003, p. 34), evento que representou a primeira partida fora dos círculos ingleses na cidade.

A partir desse fato, nota-se que o futebol se estabeleceu como um esporte da elite branca e urbana no Brasil. O primeiro grande clube a ser criado na cidade pelo próprio Oscar Cox e seus amigos foi o *Fluminense Football Club*, cujas instalações ficavam no elegante bairro das Laranjeiras. A equipe de futebol do Fluminense era formada por “jovens estudantes

⁴ Os dados sobre a profissionalização do futebol no Brasil foram obtidos através de pesquisa realizada no Jornal dos *Sports*, entre os anos 1931 a 1939, período em que esta discussão era muito forte nas manchetes das mídias jornalísticas esportivas.

e profissionais liberais das melhores famílias da cidade. O Fluminense era um palco para exhibir cosmopolitismo e refinamento” (*ibid.*, p.35).

Nas arquibancadas dos eventos deste clube, o refinamento aparecia nas roupas dos espectadores, onde homens trajavam ternos e as mulheres vestidos conforme a “última moda” (BELLOS, 2003). Desta forma, mostrava-se que o futebol evidenciava um caráter de festejo e evento social, denotando seu estilo amadorístico, e realizado em consonância com as teorias europeias de educação física e higiene que surgiram com o movimento higienista no Brasil.

Tais teorias vinculavam a prática do esporte à saúde mental e física, privilegiando o ideário “corpo são, mente sã”, o que ocasionou uma disseminação do esporte nas escolas para a educação dos jovens e crianças, e que, na esteira deste movimento, acaba por auxiliar a disseminação do futebol na sociedade, principalmente na elite. Segundo Pereira (2000),

Os clubes de futebol não eram, certamente, os únicos a se desenvolver no Rio de Janeiro. Sem ser um fato isolado, sua proliferação na cidade vinha a reboque de um amplo processo iniciado ainda em meados do século XIX, que assumia nos primeiros anos da República uma intensidade ainda maior: o fortalecimento das teorias higiênicas, que ganhavam enorme difusão, assumindo o caráter de uma disseminada e abrangente ideologia. Imiscuindo-se por diferentes esferas, os higienistas propunham padrões de moradia, alimentação e até organização familiar aos habitantes da cidade – definindo regras e estabelecendo disciplinas a serem seguidas. Dentro deste impulso geral, que vinha pelo menos desde os tempos do Segundo Reinado, um objetivo particular ia assumindo, para os médicos dos primeiros anos do século, uma importância especial: a higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça.” (p. 42)

Na virada do século XIX para o século XX, o Brasil estava mergulhado em dois fatores importantes: 1) a recente república que tinha, de um lado, características modernizadoras em relação à monarquia e, por outro, buscava a manutenção de grupos no poder, estabelecendo certo patrimonialismo; 2) a tardia abolição da escravidão – a última das Américas -, colocando muitos escravos recém-libertados nas cidades e estabelecendo uma grande classe de excluídos.

Nesse sentido, a situação da “raça mestiça” do brasileiro, que segundo teorias da época o colocava em inferioridade em relação aos europeus, tornava o esporte uma via fundamental para o desenvolvimento pleno das crianças e jovens. Pereira (2000) aponta que,

Se o desleixo para com as atividades ginásticas poderia ser ruim para os países de clima temperado, (...), no Brasil e em outros países da América ele seria quase mortal para a “raça”. Embora os países europeus estivessem em um estágio muito mais avançado no que dizia respeito à valorização dos exercícios físicos, eram os brasileiros, maculados pela mestiçagem, que mais precisariam deles (...). (p. 43)

Neste contexto, a classe médica da época, ainda sob o ideário higienista, segue em amplo convencimento social de que a educação física seria indispensável para a educação das

crianças e jovens “que, não tendo ainda seus corpos maculados pela mancha da indolência natural que viam nos brasileiros, poderiam definir para o país um outro destino.” (*ibid.*, p.44)

Entretanto, para gerar o hábito do exercício físico na juventude, era importante torná-lo divertido, visto que a própria adesão parental a ideia da educação física era fraca e muitas vezes considerada com desconfiança. O caminho é encontrado através da prática de *sports* como o *cricket*, a dança, o salto à corda e o *foot-ball* (*ibid.*).

Apesar dos esportes serem novidade para os cariocas na virada do século XIX para o século XX, a mudança deste cenário começa ainda nos últimos anos do século XIX, quando empresários voltam seus interesses na construção de grandes pavilhões para proporcionar diversões que já eram comuns na Europa, como a montanha-russa e o jogo da pelota ou “jogo da bola” (PEREIRA, 2000).

A articulação entre os sentidos de diversão e higiene dos *sports* começou a fortalecer a imagem positiva destes e atrair mais adeptos, tanto que as “domingueiras” (PEREIRA, 2000) tornam-se parte da cultura da elite carioca como eventos esportivos promovidos por empresários.

(...) em poucos anos já se tornavam comuns “os sucessos das funções domingueiras” por eles realizadas, que enchiam os pavilhões que haviam construído (os chamados “frontões”) de gente das “classes mais distintas da sociedade fluminense” – atestando que o jogo, “pela sua artística elegância e pela sua utilidade na educação física” já seria definitivamente uma instituição vitoriosa no Rio de Janeiro. (*ibid.*, p. 46)

Nesse cenário, o futebol vai se consolidando com a inauguração de vários outros clubes fundados por outros grupos de jovens da zona sul da sociedade carioca, além de ingleses e portugueses com suas famílias, que vinham trabalhar na crescente economia da cidade. Dos clubes que permaneceram até os dias atuais, destacam-se quatro grandes clubes – Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, que representam mais de 90% dos torcedores cariocas na contemporaneidade, inclusive também distribuídos em várias cidades brasileiras.

Como visto anteriormente, o primeiro desses grandes clubes de futebol foi o Fluminense, que nasceu orientado para a prática desse esporte como diversão de um grupo de jovens da elite carioca. Instalou-se no bairro das Laranjeiras, que era considerado uma localidade nobre na cidade.

Outro clube que nascera em 1904 especificamente para a prática do futebol foi o *Botafogo Foot-Ball Club*⁵, e ganhou este nome devido ao bairro em que foi criado. Este, tal

⁵ Em 1894, nasceu o Clube de Regatas Botafogo. No ano de 1942, o *Botafogo Foot-Ball Club* e o Clube de Regatas Botafogo, se uniram, formando o Botafogo de Futebol e Regatas. A este respeito, ver WWW.bfr.com.br/oclube/historia.asp. Acessado em 25/07/2013.

como o Fluminense, foi fundado por jovens estudantes colegiais mergulhados na observação da prática do esporte e na criação de outros clubes que estavam sendo construídos nas redondezas.

O Flamengo, iniciado em 1895 como clube de regatas, tinha sua sede na Praia do Flamengo, bairro adjacente a Botafogo e Laranjeiras, também considerado uma localidade privilegiada da cidade. Em 1911, a partir de uma divergência entre jogadores do Fluminense, alguns deles resolvem formar um time de futebol para a disputa de campeonatos, fundando o primeiro time deste esporte no clube.

O último dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro, assim como o Clube de Regatas do Flamengo, nasceu como clube de regatas, formando o seu time de futebol somente em 1915. O Clube de Regatas Vasco da Gama possui uma característica distinta dos outros três: o de não ser formado por grupos elitistas da zona sul, mas por imigrantes portugueses que não se encaixavam nas demais coligações endinheiradas da cidade.

Na sua fundação o Vasco treinava em lugares distantes da zona sul, construindo seu campo em 1927 no decadente bairro de São Cristóvão. Outro fato interessante de sua história foi a aceitação de jogadores de diversas etnias e classes socioeconômicas, criando, quando o clube conseguiu em 1923 chegar a primeira divisão, uma dissidência com o Botafogo, Flamengo e Fluminense, que não aceitavam a presença de jogadores “de cor” e “sem profissão definida” na disputa do campeonato. Este acontecimento conduziu o Vasco a uma interpretação dos cronistas esportivos de libertário com relação ao elitismo e racismo praticados no futebol.

Entretanto, foi o Bangu Atlético Clube, localizado no distante bairro de mesmo nome, o primeiro a colocar jogadores de classes menos abastadas para jogar no seu time. Como era um clube baseado numa fábrica têxtil, pode-se dizer que era mais simples haver elementos distintos dos chefes ingleses que comandavam a fábrica. Mas foi o Clube de Regatas Vasco da Gama, como citado anteriormente, o primeiro grande time a incluir negros no seu quadro de atletas, no início da década de 1920. Este episódio levou a um racha na federação de futebol da época, pois alguns clubes não admitiam essa “mistura” de etnias. Esse evento ocorrido no Vasco mostra a tentativa de manter a prática do futebol voltada para as cirandas dos clubes localizados nas zonas nobres da cidade do Rio de Janeiro. Porém, essas tentativas provaram-se infrutíferas, visto que paulatinamente indivíduos diversos começaram a frequentar as rodas futebolísticas desses clubes, sincretizando o ambiente social da prática esportiva. Sobre esta questão, Antonio J. Soares (2001) explica que,

O Vasco, como um time de negros, mestiços e brancos pobres, ao vencer os afortunados brancos – burgueses e aristocratas do fluminense, Botafogo, América e Flamengo – teria revolucionado o futebol em direção à democratização (...) É apontada pelas narrativas como um dos principais indícios ou provas da mentalidade racista / segregacionista que rondou o futebol carioca na década de 20. (p.101-102)

Na esteira do Bangu, existe um “lugar comum” de que o Clube de regatas Vasco da Gama foi o primeiro clube a romper com o racismo e o segregacionismo do futebol carioca e brasileiro. No entanto, Antonio J. Soares (2001) apresenta estudos que mostram uma visão diferente de que o racismo, mesmo existindo na época, não pode ser apontado como um elemento da posição do Vasco da Gama no contexto do futebol da década de 1920, pois distintos elementos que não foram levantados por outros pesquisadores, apareceram na explicação. Conforme Soares (*op.cit.*),

A versão das dissidências em 1924 no futebol carioca, com base em Mario Filho, e no modelo da mentalidade racista existente no Brasil, parece bastar aos intelectuais que repetem e reeditam esta história. Vários estudos e nossa experiência como brasileiros confirmam a existência do racismo ou do preconceito racial no Brasil. Entretanto, o pressuposto teórico e geral do racismo não indica que se possa imputar sentido à referida trama descrita sem dados empíricos que confirmem a explicação (...) A análise das interações dos atores coletivos e individuais, demonstra que os interesses dos clubes e a articulação em torno da oposição amador/profissional explicam melhor a dinâmica do futebol da época e suas instituições do que a tese do racismo/segregação. (p.114)

É importante lembrar que no século XXI o Vasco da Gama é um dos clubes mais populares do Brasil, possivelmente tendo como um dos fatores impulsionadores a mistura étnica que o clube proporcionou na década de 1920. Este acontecimento foi um dos elementos de comprovação de que o futebol estava se difundindo. Operários que trabalhavam em empreendimentos ingleses e que moravam em bairros distantes praticavam o futebol através de times e clubes montados por eles próprios.

Segundo Guterman (2010), “(...) a popularização do futebol, embora rejeitadas por seus praticantes aristocráticos, pode ser visto na época como apaziguador social, em meio aos primeiros movimentos de organização operária.” (p. 36) Portanto, talvez o futebol no Brasil tivesse a mesma finalidade deste esporte no seu berço, a Inglaterra, em meados do século XIX, pois neste país o mesmo foi pensado pelas elites como um elemento de “controle dos corpos” (FOUCAULT, 1991), a partir do apaziguamento dos ânimos em relação às reivindicações e revoltas operárias.

No Rio, o futebol ganhou espaço entre os pobres, também, a partir da marginalização da capoeira na Revolta da Vacina, em 1904. (GUTERMAN, 2010)

No Rio, a capoeira, tornada definitivamente marginal depois dos conflitos com a Revolta da Vacina (1904), deu lugar ao futebol entre os pobres, ainda que seus times

tivessem que jogar na Liga Suburbana de futebol, criada em 1907, e não na liga oficial da cidade, cujo estatuto vetava atletas amadores “de cor”. (GUTERMAN, 2010, p. 36)

Cronistas esportivos, da primeira década do século XX, apontavam o surgimento de diversas organizações clubísticas nas regiões suburbanas da cidade, como o Bangu, o *Sport Club* Mangueira, Esperança, S. C. Americano e o Catete F. C. Estas associações eram baseadas na amizade e no parentesco, normalmente iniciadas por “membros das famílias” de destaque das diversas localidades citadinas, diminuindo o monopólio sobre o jogo dos clubes como o Botafogo e o Fluminense. (PEREIRA, 2000). Com relação a este último, em seus jogos, além do já tradicional público elegante, juntavam-se sobre os telhados pequenas multidões de curiosos para assistir o esporte praticado pelo mesmo, mostrando o crescimento do interesse geral pelo futebol. Conforme Pereira (2000), o jornal *O Malho*, já divulgava em 1905 fotografias destes espectadores.

Então, pode-se dizer que já na primeira década da entrada do futebol no Rio de Janeiro, apesar do caráter explicitamente elitista, a popularização do esporte já apresentava sinais expressivos de difusão do interesse e prática popular, sendo inclusive descrita pela imprensa da época.

De acordo com Pereira (*op.cit.*), um episódio agitou a vida esportiva do futebol no Rio de Janeiro em 1908: a vinda do selecionado argentino ao Brasil para disputar com o selecionado brasileiro. Este acontecimento “começava a desorganizar a lógica cavalheiresca atribuída, até então, ao esporte bretão por grande parte de seus admiradores” (p.103).

Os comentaristas de então, classificaram o evento como de grande importância, inclusive passando a imagem de que estes três jogos transformavam o cenário esportivo da cidade, pois num estádio estavam reunidos grupos diversos de adeptos do futebol na torcida por um time único.

Os jornalistas, desacostumados a eventos que tivesse no “mesmo grito grupos tão diferenciados”, chamaram o ocorrido de um “evento patriótico”, ou seja, “uma defesa da nação nos campos que levavam a multidão presente aos jogos a aplaudir sem vontade as vitórias argentinas nos três jogos realizados no Rio de Janeiro” (PEREIRA, 2000, p. 105).

A partir deste evento, Pereira (*op.cit.*) apresenta a hipótese de que a discussão sobre o sentimento nacionalista no Brasil criado pela representatividade dos selecionados no *match* de 1908 entre Brasil e Argentina, iniciou-se antes da década de 1930, em contraposição aos argumentos de muitos intelectuais sobre o assunto que apontam a década de 1930 como primordial para o início do nacionalismo brasileiro.

Apesar do sentimento nacionalista verificado e evidenciado pela imprensa carioca, representado por vozes de classes distintas que torciam pelos atletas brasileiros em uníssono, Pereira (2000) destaca que “O futebol continuava a se desenvolver na cidade em campos distintos, que marcavam diferenças claras entre seus praticantes.” (p. 108).

Porém, os jornais naquele período ainda se concentravam nos eventos praticados no campo do Fluminense, inclusive havendo relatos de que o público que comparecia a estes jogos “aparecia ainda como um problema e uma contradição”. (*ibid.* p.109) Portanto, é possível verificar que neste processo de disseminação do esporte, o futebol já se caracterizava como um evento de massa.

A formalização do cenário futebolístico carioca se organizava inicialmente entre os clubes elitizados formando a Liga Metropolitana de Futebol. Entretanto, a disseminação do esporte e a fundação de diversos clubes com origens e formações diversas e de classes menos abastadas, criou um impasse político quanto à entrada dessas agremiações menores na Liga. De acordo com Pereira (2000),

(...) a existência das agremiações de menor porte, ia transformando-se em incômoda presença para os grandes clubes. Tal desconforto relacionava-se, certamente, à crescente projeção que iam ganhando muitas dessas associações, constando já algumas delas como membros da até então restrita Liga Metropolitana. Era o caso do Bangu, que tinha a ela retornado após os desentendimentos de 1907, do Sport Club Manguera e do Esperança – também formado por funcionários da Companhia Progresso Industrial do Brasil, de Bangu. Fosse entrando por interferência política de suas diretorias ou por acordos esportivos envolvendo os grandes clubes – como aconteceu em 1912 com o F.C. Americano e o Catete F.C., favorecidos por um desentendimento interno da entidade envolvendo o Botafogo – tais clubes iam ampliando seu espaço na antes restrita e refinada Liga Metropolitana. (p.110)

No caso do Bangu Atlético Clube, conforme citado anteriormente, este foi fundado por trabalhadores ingleses da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial em 1904, que, na organização do time de futebol, como não havia elementos ingleses suficientes, convidaram trabalhadores brasileiros para formar o time. Desta forma, o time de futebol do Bangu, já em seu início, era formado por brancos e negros.

Os empregados da fábrica que aceitavam representar o clube ganhavam uma compensação salarial, necessidade de permanecer menos horas em seu posto de trabalho e um status diferenciado na Companhia, que segundo Guterman (2010) representaria uma remuneração aos jogadores e, portanto, um indício do processo que ocorreria posteriormente relativo à da profissionalização deste esporte.

Ou seja, o futebol foi ganhando força política a partir de uma massa de interessados e esportistas de diversas classes o que acarretou na disputa pela entrada na Liga Metropolitana,

originando o início das segunda e terceiras divisões, pois a primeira ainda ficava restrita e privilegiava os clubes tradicionais e mais elitistas.

Segundo Pereira (2000), os grandes clubes reagiam a esse avanço dos menores, através de empecilhos como, por exemplo, a determinação de regras como as profissões dos jogadores, que deveriam ser apenas aquelas de maior significação social, como funcionários públicos, militares de altas patentes, estudantes e descartando profissões comuns como garçons, estivadores, carroceiros, etc.

Dessa forma, evidenciava-se nesse quadro social que o futebol imbricava-se no jogo social e político entre as diversas classes da sociedade carioca. Ou seja, o esporte no Rio de Janeiro, nasce e cresce mergulhado num processo de disputa por domínio de significações, onde alguns grupos pretendiam (e talvez ainda pretendam) o controle do espaço simbólico e o domínio concreto do futebol.

Tendo em vista o caráter de agregador de diversos grupos sociais, é importante destacar a ideia de como o futebol tornou-se um elemento (ou um dispositivo) que possibilitaria o controle das massas de espectadores interessados por aqueles que possuíam o controle político deste esporte (MEZZADRI, F.M. *et al.*, 2011). Entretanto, alguns fatos na história atual do futebol, mostram que este controle nem sempre ocorreu. Como exemplo pode-se verificar as manifestações populares na Copa das Confederações de 2013, que evidenciou que este “controle” é parcial, dependendo das condições sociais do momento.

Muitos autores (PEREIRA, 2000; RODRIGUES, 2003) apresentam a década de 1930 como o momento em que houve o surgimento da cultura de massa sobre o futebol no Brasil. Porém, este processo de construção veio sendo elaborado desde o surgimento do futebol no país.

Na década de 1930, o que possivelmente pode ser verificado como destaque é a entrada de um discurso jornalístico através de veículos especializados que promoveram o futebol e que aceleraram a integração dos sentimentos que os diversos grupos sociais apresentavam sobre o esporte. Desta forma, podem-se destacar os jogos da seleção brasileira de futebol como uma “força motriz da nacionalidade” (PEREIRA, 2000: p. 14), ou seja, como um espaço propício a esta uniformização da representação que foi sendo construída pelo povo com relação a este esporte.

Compartilhada por torcedores de diferentes origens e posições sociais, a torcida intensa pelo selecionado parecia capaz de unir todos os brasileiros em uma mesma emoção. Com uma dimensão nunca vista antes na capital da república, a empolgação geral pela campanha do time brasileiro na copa de 1938 consolidava um sentimento que, na atualidade, parece natural para qualquer brasileiro que assista aos jogos da

seleção ou orgulha-se no exterior do reconhecimento imediato de jogadores de destaque como Pelé ou Ronaldinho (ibid., p.14)

De acordo com Pereira (2000),

Esse sentimento [o nacionalismo] não é, no entanto, tão natural quanto pode parecer para muitos que vibram em frente à televisão a cada gol da Seleção. Embora enraizado na percepção de cada brasileiro que torça pelo seu sucesso, ele está longe de ser um desígnio divino ou uma dádiva da natureza. Resultado de décadas de embates e tensões dentro e fora dos campos, ele tem uma história. Ainda que essa apareça muitas vezes obscurecida frente à emoção vivida por cada brasileiro na torcida pela sua Seleção ou pela certeza desses torcedores de ter no sangue a mesma mistura que por décadas formou jogadores como Zizinho, Garrincha e Romário, ela pode nos ajudar a entender a própria lógica que originou a formação dessa identidade. Através da experiência dos muitos sujeitos que, por décadas, disputaram em torno de uma bola muito mais do que um jogo, podemos buscar os fios que deram forma a esse processo, na tentativa de compreender o movimento que alimentou a consolidação do futebol no país” (p. 14).

Sobre o discurso jornalístico e suas representações, Soares e Lovisolo (2011) analisam que,

Tais narrativas são repetitivas e refletem, historicamente, os desejos de afirmação da identidade nacional, a tensão entre os ideais civilizatórios e de afirmação da autenticidade cultural e as contradições na afirmação da cidadania. As narrativas tomam o futebol como espelho dos dilemas da sociedade brasileira, deixando de explicar a singularidade das técnicas corporais que distinguiram o estilo de jogo brasileiro. (p. 33)

Considerando a disseminação da representação de unidade nacional transmitida pela imprensa de massa relacionada ao futebol, uma questão torna-se premente: dar conta do sentido de inferioridade vinculado à questão da raça negra e mestiça que compunham o povo brasileiro.

Nesse sentido, a obra do jornalista Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*, foi fundamental para a mudança relacionada à representação de que um futebol de qualidade seria àquele praticado pela elite. De acordo com Pereira (2000),

Esses poucos trabalhos “apesar das suas diferenças, têm como matriz comum a obra *O negro no futebol brasileiro*, publicada em 1947 pelo jornalista Mário Filho. Centrando a sua atenção sobre a cidade do Rio de Janeiro, onde construiu sua bem sucedida carreira de cronista esportivo, definia para o futebol praticado no PIS uma periodização clara, que dividia sua história em três períodos: no primeiro, que iria dos primeiros anos do século até meados da década de 1910, o futebol seria um jogo de elite, praticado somente pelos jovens elegantes que se associavam aos principais clubes da cidade; o segundo, que iria deste momento até o final da década de 1920, definiria o momento de aproximação de outras camadas sociais, sendo marcado pelo impulso sistemático de exclusão dos negros e pobres que começavam a se envolver com o jogo; por fim, no último período, que se iniciava na década de 1930, assinalava finalmente a efetivação da presença negra nos campos, na concretização do que o próprio autor chamaria de “ascensão social do negro”” (p.15)

A presença de negros e mestiços foi um dos elementos que levou autores que refletiam sobre a formação da sociedade brasileira a analisarem a “mistura” como o principal aspecto condutor da qualidade do futebol brasileiro. Um desses autores foi Gilberto Freyre:

Os brasileiros jogam [futebol] como se fosse uma dança. Isto provavelmente é o resultado da influência daqueles brasileiros de sangue africano ou que são predominantemente africanos em sua cultura, já que tais brasileiros tendem a reduzir tudo à dança, seja trabalho ou jogo. (FREYRE, Gilberto apud BELLOS, 2003, p. 33)

De certo, a popularização dos clubes conduziu ao reconhecimento dos mais pobres em relação aos times que estavam com jogadores mais próximos de suas identidades (negros e mestiços), aumentando o interesse por essas instituições, criando um cenário social que fortaleceria o futebol dos clubes no Rio de Janeiro. Em outras cidades brasileiras, fenômenos semelhantes ocorreram sobretudo na capital de São Paulo, onde o futebol começou elitista e foi tornando-se popular também.

3.2 O caso do Flamengo e a Favela da Praia do Pinto

Um dos elementos que pode ajudar na historiografia das representações sociais dos clubes de futebol é a posição geográfica pela qual seus fãs criaram os vínculos de afetividade. Nos espaços sociais encontram-se inúmeras tramas de discurso que contribuem na formulação de histórias e representações, sobretudo envolvendo a afetividade dos indivíduos relacionados a determinados ícones.

Considerando que a construção de uma representação ocorre a partir do contato de indivíduos com objetos e/ou fenômenos sociais, pode-se hipotetizar que não somente os moradores de uma localidade constroem suas representações e vinculações afetivas quanto ao referido lugar, mas também outros indivíduos que podem circular pelo espaço ou que apesar de não terem um contato direto, constroem representações a partir das ideias veiculadas nos canais de comunicação.

No estudo sobre a construção de uma representação, as pessoas são o elemento mais importante, visto que sem elas, não é possível haver a assimilação de uma realidade e a sua respectiva interpretação, processos fundamentais na criação das representações. Porém, considerando que esta assimilação e interpretação do real ocorrem a partir das relações que são estabelecidas entre as pessoas e o ambiente, torna-se necessário investigar o contexto onde as representações são construídas.

Nesse sentido a geografia social é um dos caminhos para se investigar a relação entre o espaço físico e social e as pessoas, abordando as suas construções simbólicas e afetivas sobre determinada localidade. Segundo Abreu (2012), “A cidade é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si, uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço.” (p.28)

Segundo esse autor, pode-se verificar a importância da relação entre espaço e pessoa para a própria fundamentação das relações sociais e das memórias de um grupo e de sua história. Portanto, pode-se considerar a cidade como um lugar com inúmeras memórias coletivas, sendo muitas delas não explicitadas ou interpretadas em documentos oficiais, o que não significa que haja impossibilidade de recuperá-las a partir de fragmentos que a própria cidade construiu.

Conforme Abreu (*op.cit.*) há uma diferença fundamental entre memória e História. A memória é da ordem da pessoalidade do ser. “A memória, seja ela coletiva ou individual, é sempre seletiva: só nos lembramos daquilo que queremos nos lembrar. Por esta razão a memória é parcial, descontínua e vulnerável a todas utilizações e manipulações.”(p.29)

No que se refere à História, ela, como qualquer outra ciência, tem como o objetivo a explicação ou compreensão de um fato da realidade, utilizando-se de operações intelectuais e métodos laicizantes a partir da prática científica. Neste sentido, “A História é registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão” (ABREU, 2012, p.29.) Apesar de sua busca pela verdade, a História “(...) não consegue atingir o sonho do passado *tal qual ele aconteceu*, (...)” (*ibid.*), visto que “(...) a História é a construção sempre problemática e incompleta que já não mais existe.” (*ibid.*)

Dessa forma, a história de um objeto social será sempre bastante fragmentada, necessitando ser costurada a partir de retalhos. Tais retalhos podem ser fragmentos de documentos ou mesmo a memória das pessoas e suas representações sobre este objeto. Neste ponto, temos a vinculação entre memória e História, onde ambas são atravessadas pela outra, se costurando mutuamente se construindo dialeticamente.

Na empreitada de recuperar a origem da representação social do Flamengo como um “time de favelado”, é importante voltar ao passado e ao contexto de origem do clube, ou seja, a passagem de um clube de futebol iniciado por uma elite e inaugurado em um bairro da zona sul da cidade, para a sua mudança para uma localidade que não era bem vista, como a favela da Praia do Pinto.

Nesse sentido, a proposta desta Dissertação, conforme mencionado anteriormente, é investigar a relação entre o Clube de Regatas do Flamengo e a comunidade (favela) da Praia

do Pinto. A hipótese central relaciona as representações sociais do Flamengo construídas também a partir do contato físico entre o clube e a comunidade, elaborando uma linguagem que associa o Flamengo a um “clube de favelados”.

Para relacionar os dois objetos é preciso falar sobre o que o clube e a favela possuem na visão da sociedade carioca. O Flamengo é um clube muito popular, considerado até 2013 como o time de maior torcida no país. Já a extinta comunidade da Praia do Pinto pode ser descrita, conforme o senso comum, como um espaço desorganizado, onde marginais estão alojados pela ausência do poder público, possuindo moradores que, além de pobres, têm características de menor escolaridade.

Logo fica a pergunta: Por que o Flamengo é taxado pelos seus adversários como um “time de favelados”? Seria em decorrência da relação geográfica do clube com a favela da Praia do Pinto? Para a contextualização da pesquisa, torna-se necessário uma breve história sobre o Clube de regatas do Flamengo e sua vinculação com a Praia do Pinto.

Até 1942, a Comunidade da Praia do Pinto constituía-se como parte de um grupo de três favelas situadas em frente à Lagoa Rodrigo de Freitas, com acesso pela Rua Humberto de Campos, no bairro do Leblon. Tal conjunto de favelas teve seu máximo crescimento nos anos 1930 e 1940, do século XX, e constituía uma das maiores da cidade devido a alguns fatores. O crescimento imobiliário no bairro do Leblon e a construção do Jockey Clube proporcionaram o surgimento de muitos empregos na região relacionados à construção civil. Além destes, outro fator facilitava a mobilidade urbana: a construção da linha de bonde que chegava até o bairro da Gávea passando por aquela localidade, o que viabilizava o trabalho de seus moradores nos outros bairros da zona sul da cidade.

No início da década de 1940, do século XX, esse conjunto de favelas possuía cerca de 3.500 habitações, das quais a Favela da Praia do Pinto era a maior e a mais desprovida de condições mínimas de saneamento e espaço para os seus moradores. A falta de espaço acarretava a alta rotatividade dos seus habitantes, que parte da semana permaneciam na casa de parentes e a outra parte nos seus barracos na Comunidade (SLOB, 2002). Como área de lazer, a favela possuía um único campo onde as crianças jogavam futebol, evidenciando o esporte como um fator de agregação social.

Nos anos 1950, por intermédio da Fundação Leão XIII, parte da favela foi removida para um conjunto de prédios no bairro São Sebastião, próximo àquela região. No final dos anos 1960, um grande incêndio destruiu por completo a favela, finalizando a sua existência.

Com relação ao Clube de Regatas do Flamengo, até 1932 este localizava-se na Rua Paysandu, no bairro do Flamengo, o que originou seu nome. Neste período, o Clube

permanecia sediado num terreno arrendado da família Guinle. Nesse ano, sem possibilidades financeiras de arcar com o aluguel do terreno, o Clube muda-se para outro terreno cedido pelo então Presidente da República Getúlio Vargas, no bairro da Lagoa, onde pouco tempo depois foi instalado o conjunto de favelas da Praia do Pinto. Tal mudança foi sentida como algo negativo pelos dirigentes e torcedores, pois o bairro Flamengo era uma área central e nobre da cidade.

O atual estádio do Flamengo, construído em 1939 nos arredores da Favela da Praia do Pinto, onde o clube realizava as suas partidas, possivelmente fora um local onde os moradores da favela puderam desfrutar do contato próximo com os jogadores do clube, iniciando o estabelecimento de um vínculo afetivo com o mesmo. Vale lembrar que na década de 1930, o futebol se consolidava como um esporte de grande popularidade entre os cidadãos. As mídias ainda eram incipientes com relação ao jogo, exceto os jornais impressos que começavam a explorar o assunto.

Dessa forma, o próximo capítulo apresentará a pesquisa realizada na mídia impressa entre as décadas de 1930 e 1960, da cidade do Rio de Janeiro, com relação ao Clube de Regatas do Flamengo e a Favela da Praia do Pinto, com o objetivo de demonstrar a hipótese desta Dissertação.

4 A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS TORCEDORES DO CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO A PARTIR DAS RELAÇÕES COM A FAVELA DA PRAIA DO PINTO

Na análise das representações sociais sobre o Flamengo, em relação à favela da Praia do Pinto, foram utilizados os conteúdos da mídia impressa da época entre os anos 1930 e 1960, enfocando os meios de comunicação de massa que abordavam as notícias e as crônicas sobre o futebol no Rio de Janeiro.

No período pretendido, a principal mídia que retratava o futebol era o jornal impresso, que se encontram disponíveis para consulta, principalmente através de arquivos organizados na Biblioteca Nacional. Nestas mídias, foram verificadas as narrativas jornalísticas que abordavam de alguma forma a construção das representações sobre o Flamengo, buscando entender como eram representados os torcedores e o cotidiano do Clube no futebol, sobretudo como estavam expostos os aspectos relacionados à presença da favela da Praia do Pinto neste contexto, tendo em vista a proximidade geográfica entre a favela e a sede do Clube.

É possível também verificar a importância do futebol via narrativa jornalística, pois a narração apresenta diversas facetas sociais vividas no cotidiano futebolístico. E, especialmente, como os públicos receptores destas narrativas vivenciaram e reproduziram as descrições dramatizadas, deixando claro assim a relevância desta mídia e evidenciando o jornal como um espaço de registros simbólicos da sociedade, destacando-se como um campo privilegiado de pesquisa para as representações sociais do futebol.

Dessa forma, a escolha do texto jornalístico para análise do objeto de estudo pauta-se no argumento de Bardin (1977) de que “(...) certos aspectos sintáticos, organização da frase por exemplo, são susceptíveis de ser reveladores das características de um discurso, ou podem fornecer a confirmação de certas hipóteses formuladas.” (p.82)

A base da pesquisa da narrativa jornalística é a análise de conteúdo. Este é um “método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meios de várias técnicas de pesquisa” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 280). Ainda segundo este autor sobre as tendências atuais deste método de pesquisa, é possível destacar que, “(...) a análise de conteúdo oscila entre esses dois polos, ora valorizando o aspecto quantitativo, ora o qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador. Apesar da preferência pela inferência, a empatia pelos números não desapareceu” (ibid, p. 285). A análise qualitativa se presta como mais pertinente ao objeto de estudo desta pesquisa, pois somente a quantificação não possibilitaria conteúdo suficiente para a análise do objeto.

De acordo com Bauer (2002),

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos “tipos”, “qualidades”, e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar essa improdutiva discussão sobre virtudes e métodos.” (p. 190)

A análise de conteúdo também coaduna com este estudo pelo fato de trabalhar com o exame das narrativas das reportagens coletadas. Essa análise das mensagens jornalísticas pode ser feita através de três processos básicos, conforme apresentou Bardin (1977): (1) Pré-análise; (2) Exploração do material; (3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

O processo de pré-análise corresponde ao planejamento da pesquisa onde, a partir da intuição do pesquisador sobre o objeto a ser estudado, realiza-se a sistematização das ideias iniciais e a construção de um plano de análise. Em suma, corresponde a problematizar as ideias iniciais inserindo-as dentro de um modelo a viabilizar a execução da pesquisa. Segundo Bardin (1977), “Geralmente, esta primeira fase possui três missões: a *escolha dos documentos* a serem submetidos à análise, a formulação das *hipóteses* e dos *objectivos* e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (p.95).

A exploração do material refere-se às práticas das decisões tomadas na pré-análise, basicamente criando operações de codificação formuladas com antecedência. Neste sentido, deve-se primeiramente verificar a viabilidade de existência de material (documentos, mídia, imagens, etc.) que possua vinculação com o objeto a ser pesquisado. Em seguida, após a coleta deste material é necessário a realização de uma “leitura flutuante”, com o objetivo de criar categorias de análise. Em continuidade, dependendo da quantidade de material disponível, torna-se necessário a criação de um plano de amostragem e conseqüentemente de uma amostra, normalmente intencional, com o objetivo de dar conta dos processos de coleta, codificação e análise dos dados.

Com relação à amostragem, Bardin (*op.cit.*) explicita as formas de delimitação do *corpus*, considerado pela autora como “(...) o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (p.96). As principais regras a serem consideradas são:

(1) Regra da exaustividade, onde todos os documentos relacionados ao tema pesquisado devem ser levados em consideração;

(2) Regra da representatividade, que se refere à determinação da amostra da pesquisa considerando o elemento a ser analisado, tendo em vista que as pesquisas sociais normalmente abrangem um universo grande de elementos significativos para análise. Dentro das regras de amostragem, basicamente existem dois tipos: (a) a amostragem probabilística,

que leva em consideração o sorteio das unidades de amostra a partir de fórmulas estatísticas onde haja a probabilidade de que todos os elementos da amostra tenham possibilidades idênticas de serem selecionados; (b) a amostragem não probabilística, onde, por comodidade do pesquisador as unidades da amostra são selecionadas a partir de critérios espontâneos ou subjetivos;

(3) Regra da homogeneidade, onde os documentos analisados devem possuir características idênticas com relação ao gênero, temática e meio de registro;

(4) Regra de pertinência, que corresponde à adequação dos documentos aos objetivos da pesquisa nos seus mais diversos elementos, tais como: objetivos, períodos de estudo e técnicas de pesquisa.

Bardin (1977) explica, com relação à construção da hipótese e objetivos de pesquisa, que nem sempre o pesquisador consegue circunscrever suas hipóteses na pré-análise. De fato, quando se trata de pesquisas de campo, inicia-se com um objeto prévio, mas que normalmente é lapidado na medida em que o pesquisador vai adentrando ao campo e tendo acesso ao material, sejam eles documentos, bibliografia ou discursos.

Quanto à produção de indicadores de análise, ou codificação, esta refere-se à criação de um foco de exame para o material coletado, de modo a inseri-lo dentro desta categorização com o objetivo de possibilitar a comprovação da hipótese. De acordo com Bardin (*op.cit.*), “Se se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes – em função das hipóteses, caso elas estejam determinadas – e sua organização sistemática em indicadores.” (p. 99-100)

Para o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, as técnicas utilizadas na análise de conteúdo podem ser resumidas a seguir: a) Análise categorial; b) Análise de avaliação; c) Análise da enunciação; d) Análise da expressão; e) Análise de contingência; f) Análise estrutural; e g) Análise do discurso. (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 301-303). Essas técnicas podem ser utilizadas isoladamente ou em conjunto, dependendo dos objetivos e interesses do estudo.

Ainda de acordo com Fonseca Junior (2005), a análise categorial funciona por separação de partes dos textos em unidades, a partir dos quais se criam categorias para análise temática. A análise de avaliação está pautada no conceito de atitude da Psicologia Social, segundo o qual se pode inferir sobre as opiniões e comportamentos do locutor a partir da linguagem expressada pelo mesmo.

Na análise da enunciação, o discurso de uma pessoa “não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração” (FONSECA JUNIOR, 2005, 302), ou seja, esta análise é baseada no fato de que o discurso não é um roteiro acabado, mas aberto, servindo ao proveito de entrevistas não estruturadas.

A análise da expressão parte do princípio de que o discurso de um locutor está diretamente associado às suas características pessoais e mergulhado num contexto. Estes traços pessoais e o contexto são decisivos para o significado da comunicação. De acordo com Fonseca Junior (*op.cit.*) “trata-se de uma análise que prima pelo formal (plano dos significantes) e não pelo semântico (plano dos significados).” (p.302)

Com relação à análise da contingência, o importante são como as palavras num discurso estão organizadas, e não o número de vezes que ela aparece. Portanto, o enfoque está na relação associativa entre as palavras em análise. No plano da comunicação este tipo de análise é utilizado para verificar o significado entre duas palavras ou expressões. Quanto à análise estrutural, esta tem como base a linguística estrutural e pressupõe que todo texto possui uma realidade estruturada, estando o seu conteúdo implícito, cabendo ao pesquisador desvelá-lo.

A análise do discurso refere-se à busca da relação das “condições de produção do discurso e sua estrutura. Considera que todo o texto é uma “realidade estruturada”, que não se revela pelo conteúdo manifesto, pois se encontra implícita.” (FONSECA JUNIOR, 2005, p. 302) Sua hipótese geral considera que um discurso é determinado pelas suas condições de produção e por um sistema linguístico”. (*ibid.* p. 303)

Para fins de análise do material coletado para esta Dissertação, foram utilizados a análise estrutural, visto que se pretendia verificar que conteúdos implícitos os textos jornalísticos sobre o Flamengo traziam; a análise da contingência, pois desejava-se examinar como estavam associadas os elementos “Favela da Praia do Pinto” ou “favela do Pinto” com “Flamengo”; a análise de expressão, pois foram considerados o contexto social e histórico de produção do texto jornalístico e as características do cronista; e a análise categorial, visto que foram estabelecidas categorias de análise para o texto no sentido de constatar a comprovação da hipótese. Estas categorias serão abordadas na seção de apresentação dos resultados.

De acordo com Bauer (2002),

A validade da AC [análise de conteúdo] deve ser julgada não contra uma “leitura verdadeira” do texto, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador e à luz de seu objetivo de pesquisa. Um corpus de texto oferece diferentes leituras, dependendo dos vieses que ele contém. A AC não é exceção; contudo, ela traça um meio caminho entre a leitura singular verídica e o “vale tudo”, e é, em última análise uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social. Ela não pode nem avaliar a beleza nem explorar a sutileza de um texto particular (p.191)

O outro método é a análise de imagens. Nela será importante ler e analisar as fotografias que mostram a relação física entre o Clube e a Favela. Nas fotografias pode-se perceber o intenso contato entre os dois universos, cabendo, portanto, uma análise detalhada do contexto das fotografias e relacioná-lo ao problema da pesquisa. Foram nas fotografias que

percebeu-se inicialmente a possível ligação entre a Favela da Praia do Pinto e o Clube do Flamengo.

4.1 O planejamento da pesquisa

Como já mencionado anteriormente, os jornais impressos são uma forma de registro das representações sobre alguma temática. No campo da comunicação social, busca-se saber como, segundo Roso (1998)

(...) os meios de comunicação de massa podem afetar o modo como as pessoas agem e se relacionam entre si. Dito de outro modo: estamos interessados em estudar o papel da “mediação”, isto é, como as ações humanas são atualmente mediadas pela mídia nas sociedades modernas. (p.146)

Portanto, buscou-se entender o significado que a comunicação exerce sobre o ser humano, pois a prática comunicativa tende a ultrapassar a própria realidade. Segundo Lovisolo (2001),

É bem possível que o esporte moderno não existisse se os jornais e os jornalistas o tivessem ignorado. As notícias e as matérias dos jornalistas sobre os esportes foram e, são elementos constitutivos do jornalismo e do esporte moderno. Jornais, rádio, noticiários para cinema, televisão e o próprio cinema, com rosário de filmes que focalizam os esportes, os esportistas, e os torcedores, foram parceiros dos esportes ao longo dos últimos cem anos. Se considerarmos a história do esporte moderno nos meios de comunicação, vemos que rapidamente passou-se da notícia isolada à página esportiva e desta aos jornais e revista especializadas em esportes em geral ou particulares. (p. 77)

De fato, a partir de uma análise da mídia, pode-se perceber que tanto a comunicação influencia a construção de significados sobre o real, como também, é alimentada pelo que os profissionais da comunicação observam sobre os fatos, as relações sociais construídas a partir destes fatos e suas respectivas opiniões. Dessa forma, o futebol só tem sentido no seu processo de construção a partir das representações apontadas por aqueles que falam dele. Segundo Vala e Ordaz (2000),

A nossa hipótese é a de que os sistemas de comunicação, enquanto modalidades de relação social orientam a forma através da qual o novo se torna familiar. Indo mais longe, o que propomos é uma forma de articular o processo de objetivação e o processo de ancoragem: enquanto âncoras que orientam a constituição de representações, os sistemas de comunicação geram, também, diferentes modalidades de objetivação de uma ideia, de um conceito, de um fenômeno. (p.89)

Ainda de acordo com as Teorias das Representações Sociais, o processo de objetivação analisa como um conceito ganha concretude nas relações sociais, tornando-se expressão de uma realidade naturalmente vista. Já o processo de ancoragem possui dois subprocessos: (1) a transformação do não familiar para o familiar, e (2) organização de

sistemas de sentido socialmente funcionais de forma a viabilizar a comunicação cotidiana e as práticas sociais.

Nesse sentido, a opção pelo material de coleta de dados foi a mídia impressa carioca entre os anos 1930 a 1960. Para acesso ao mesmo, utilizaram-se os arquivos da Biblioteca Nacional através do banco de dados da hemeroteca digital disponibilizados via internet e *in loco* no espaço relacionado aos Periódicos na Biblioteca.

Inicialmente, pretendia-se delimitar o material de coleta ao Jornal dos *Sports*, tendo em vista que o mesmo constituía-se num reconhecido diário que abordava exclusivamente a área esportiva. Entretanto, no decorrer da pesquisa na Biblioteca Nacional, verificou-se que esta mídia não se encontrava digitalizada, mas microfilmada e que muitos dos microfimes encontravam-se em estado deteriorado, de difícil leitura e inviabilizando a análise do material na extensão das décadas escolhidas.

Nessa esteira, apesar de ter sido realizada análise de 1930 a 1940 no Jornal dos *Sports*, optou-se por aumentar a abrangência de mídias cariocas através da hemeroteca digital, da Biblioteca Nacional, sobretudo pela facilidade que o programa oferecia em termos de busca de elementos (indicadores) associados ao tema da pesquisa.

Nessa etapa, foi possível buscar em três períodos diferentes - 1930 a 1939, 1940 a 1949 e 1950 a 1959/1960 – os indicadores “Flamengo + Favela da Praia do Pinto” e “Flamengo + Favela do Pinto”.

A escolha por estes indicadores está relacionada à hipótese sobre a vinculação da imagem do flamenguista às características gerais da Favela da Praia do Pinto, que permanecem até a presente data e que, por conseguinte, estaria vinculada às características das favelas do Rio de Janeiro e seus moradores.

Dessa forma, foram elencados como objetivos da pesquisa para se chegar até a constatação da hipótese inicial:

- 1) Realizar um estudo histórico sobre a entrada do futebol ao Rio de Janeiro;
- 2) Verificar a constituição dos clubes futebolísticos, principalmente o Clube de Regatas do Flamengo, e o contexto social no qual estavam inseridos;
- 3) Historicizar o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do século XX, abordando a construção da zona sul e o desenvolvimento das favelas cariocas;
- 4) Observar as representações a partir de pesquisa bibliográfica sobre a zona sul e sobre a favela e os respectivos moradores;
- 5) Verificar na mídia impressa nas décadas de 1930 a 1960 a existência de vinculação entre a Praia do Pinto e o Clube de Regatas do Flamengo;
- 6) Mapear a representação social do flamenguista na mídia impressa supracitada.

4.2 A coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através de metodologia de amostragem não probabilística. Conforme mencionado anteriormente, para a coleta de dados, além de pesquisa bibliográfica sobre os objetivos, foram feitas levantamentos na Biblioteca Nacional no Centro do Rio de Janeiro. Inicialmente a pesquisa foi feita *in loco* na própria sede da Biblioteca, no setor de Periódicos, onde se visava levantar dados do Jornal dos *Sports*, que fora um impresso popular e que abordava o cotidiano do futebol no Rio de Janeiro, e que se acreditava ser o depositário de dados para a comprovação da hipótese.

Esse primeiro jornal mostrou-se pouco produtivo em decorrência do estado do material guardado em microfilmes, e também pelo fato de não se encontrar as vinculações pretendidas na leitura. Mesmo assim, foram levantadas informações no período de 1931 (data na qual o jornal foi fundado) e 1939 (ano da inauguração do estádio do Flamengo, ao lado da favela da Praia do Pinto, e principal motivo da elaboração da hipótese do trabalho).

Na própria sede da Biblioteca Nacional, um funcionário apresentou a possibilidade de pesquisar na internet através da Hemeroteca Digital, método recentemente implantado no centro de estudos, e que já contava com cerca de 25% do acervo de impressos da Biblioteca digitalizados. A partir desta constatação, sobretudo pela rapidez e praticidade, foi adotada outra abordagem em relação aos dados a serem coletados.

Decidiu-se utilizar dois indicadores para serem colocados no programa de seleção usado pela Hemeroteca Digital: “Flamengo + Favela da Praia do Pinto” e “Flamengo + Favela do Pinto”. Deve-se esclarecer que o mecanismo de busca do programa da Hemeroteca funciona de modo semelhante aos buscadores da internet, onde as palavras e suas conjunções determinam o que será retornado.

Nesse sentido, foram utilizados os seguintes dados para análise:

- a) Período – 1930 a 1939; 1940 a 1949; 1950 a 1959/60;
- b) Indicadores: associação entre Flamengo e Praia do Pinto;
- c) Periódicos: todos os periódicos do Rio de Janeiro digitalizados pela Biblioteca Nacional.

A partir dessa busca, os dados foram apresentados na seguinte organização:

- a) Por periódico;
- b) Por período anual e em cada ano as respectivas edições do jornal;
- c) Em cada edição foram apresentadas as palavras-chaves por página;
- d) Em cada página, os indicadores foram apresentados vinculados na mesma reportagem ou em reportagens diferentes.

Dentro do universo pesquisado, foram selecionadas somente as reportagens que apresentavam os indicadores associados, visto que, numa mesma página muitas vezes aparecia as palavras Flamengo e Praia do Pinto em reportagens e contextos completamente diferentes.

Dessa forma, configurou-se a escolha do material para a coleta dos dados a partir das regras de homogeneidade, onde os documentos analisados deveriam possuir características idênticas com relação ao gênero, temática e meio de registro; e pertinência, que se refere à adequação dos documentos aos objetivos da pesquisa nos seus mais diversos elementos. (Bardin, 1977)

4.3 Análise dos resultados

Um primeiro resultado foi obtido através da verificação e análise dos microfilmes do Jornal dos *Sports* no período de 1931 a 1939, onde se buscou a relação entre a antiga sede e a nova sede do clube. A antiga localizava-se no bairro do Flamengo, na Rua Payssandu e era de propriedade da família Guinle, que pediu o terreno de volta neste período. Desta forma, abriram negociações para a construção de uma nova sede em outra localidade, tendo o clube recebido do Governo do Distrito Federal um lote “no distante bairro do Leblon”, perto do recém-inaugurado Jockey Clube Brasileiro.

Figura 1 - Visita de apresentação do terreno da Gávea dos diretores do Flamengo à imprensa

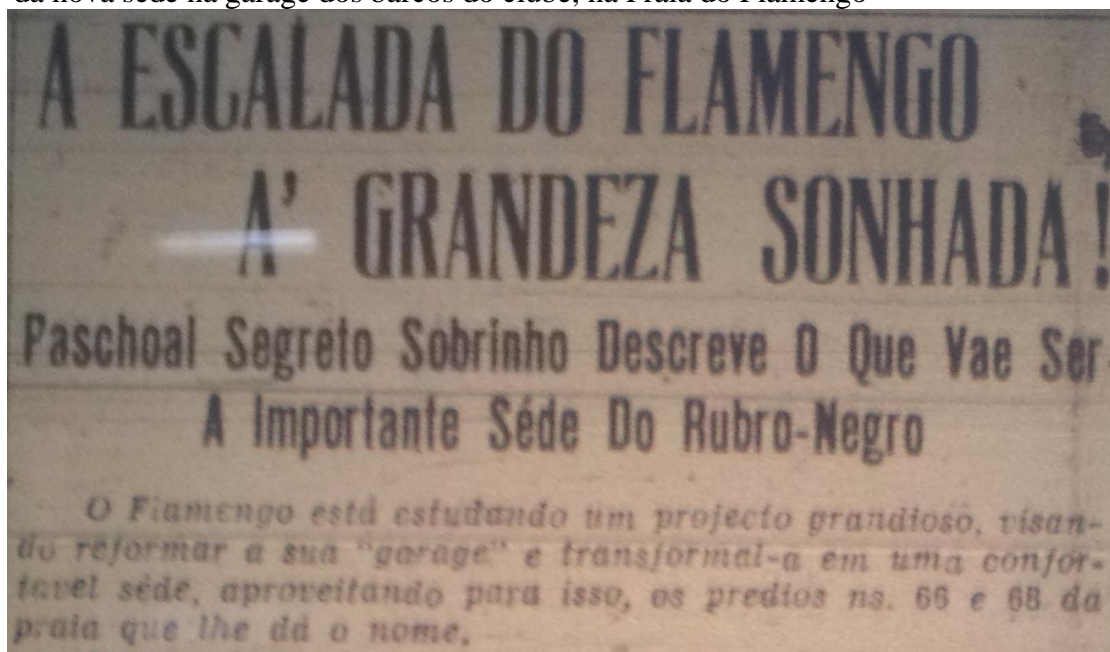


Fonte: Jornal dos Sports, 1932.

A mudança não agradava aos associados do clube, ficando claro este debate nas páginas do jornal. Se esta contenda for associada à localidade do Flamengo numa área nobre e valorizada, qualquer mudança seria causadora de desgaste. O novo local, além de distante, encontrava-se em área de manguezal, onde a natureza e a ausência de infraestrutura dominavam. Logo, é de se supor que um clube elitizado como o Flamengo localizado numa área reconhecidamente nobre, apresentasse resistência na ida a um novo lugar, mesmo que este representasse uma estabilidade maior de propriedade.

Por ocasião da necessidade de mudança da sede do clube, houve a busca por um novo local no bairro do Flamengo, especificamente na Praia do Flamengo, na “garage” dos barcos de remo do clube, apesar de já haver, naquele momento, a proposta de construção da nova sede na Gávea.

Figura 2 - Reportagem descrevendo a intenção da diretoria do Flamengo na construção da nova sede na garage dos barcos do clube, na Praia do Flamengo⁶



Fonte: Jornal dos Sports, 1932

Como o projeto de construção na Praia do Flamengo não foi adiante, a ideia de edificação da nova sede no terreno cedido pelo Governo do Distrito Federal, localizado na Gávea⁷, foi ganhando corpo, inclusive porque o projeto de um novo estádio para o clube foi

⁶ Segue o texto da reportagem: “A escalada do Flamengo à grandeza sonhada! Paschoal Segreto Sonbrinho descreve o que vae ser a importante sede do rubro-negro/ O Flamengo está estudando um projecto grandioso, visando reformar a sua “garage” e transformá-la em uma confortável sede, aproveitando para isso os prédios ns. 66 e 68 da praia que lhe dá o nome.”

⁷ A imprensa até os dias atuais refere-se à sede do Clube do Flamengo como Gávea, porém a sede localiza-se na interseção de três bairros: a própria Gávea, que é o mais distante de todos, o Leblon e a Lagoa, sendo que

recebendo cada vez mais importância, tendo em vista que outros grandes times, como o Fluminense e o Vasco da Gama já tinham seus próprios estádios.

Esse processo de mudança para a Gávea/Leblon casa-se com o surgimento da favela da Praia do Pinto, próximo ao terreno cedido ao Flamengo. Mesmo não apresentando nenhuma representação nos jornais, é razoável supor que o surgimento da favela (capítulo 2), tenha sido um dos elementos de resistência à mudança. Deve ser lembrado, também, que o Leblon neste período era considerado um subúrbio próximo às áreas proletárias da Gávea e do Jardim Botânico, que se situava longe do centro da cidade.

Figura 3- Proximidade do estádio do Clube de Regatas do Flamengo à Favela da Praia do Pinto



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/frenetico/3441709445/>

Data de acesso: 25/08/2013

Observando a foto acima, realizada provavelmente no final dos anos de 1930 e início dos anos 1940, nota-se, no centro do canto direito, as arquibancadas do estádio da Gávea, inaugurada em 1939, e a proximidade física com o aglomerado da Favela. Esta aproximação configura-se o início do relacionamento entre Flamengo e Praia do Pinto.

geograficamente o clube está à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas e adentrando o Bairro do Leblon. É importante destacar que, ao longo do período analisado ocorreram diversas transformações urbanísticas na região, modificando os limites de cada bairro.

Figura 4⁸ - Foto aérea mostrando a proximidade geográfica entre a favela da Praia do Pinto e a sede do Clube de Regatas do Flamengo



Fonte: <http://edgardhoracio.wordpress.com/2011/09/21/vavela-da-praia-do-pinto-flamengo/>
 Data de acesso: 25/08/2013

Ainda nessa primeira pesquisa no Jornal dos *Sports*, falava-se bastante sobre a mudança de sede do Flamengo, ora com otimismo e ora com pessimismo, mas sem destacar a relação com a Praia do Pinto. Um dos assuntos mais discutidos foi o processo de profissionalização do futebol, debate que se mostrou muito intenso nesta década. Outro assunto que se mostrava muito frequente era a descrição e convite à elite associada para comparecimento às festas da “alta sociedade” realizadas pelo clube.

A apresentação das festas da elite na mídia demonstra uma vinculação de classe do clube do Flamengo com os seus associados mais abastados, evidenciando que a base social do clube formava-se por tais elementos. Nas páginas do Jornal dos *Sports*, em nenhum momento,

⁸ Esta foto, provavelmente realizada na década de 1960, apesar de explicitar o desejo de intervenção urbanística na zona sul, especificamente na região do Leblon e Lagoa Rodrigo de Freitas, foi destacada exatamente pela clareza na demonstração da proximidade geográfica entre a favela da Praia do Pinto e o Clube de Regatas do Flamengo.

no período analisado, foram constatadas características depreciativas relacionadas aos seus torcedores e associados.

No que se refere à busca no site da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, primeiramente foram apresentados os seguintes periódicos e respectivo quantitativo de referências com relação aos indicadores inseridos no campo de busca:

Tabela 1 - Indicador “Flamengo + Praia do Pinto” no período de 1930 a 1939

Jornal	Ocorrências
Jornal do Brasil	235
Correio da Manhã	103
A Noite	13
Diário da Noite	8
Diário de Notícias	6
Gazeta de Notícias	2
O Imparcial (1935 a 1939)*	2
O País (1930 a 1934)*	2
Diário Carioca	1
A Batalha (1929 a 1941)*	1
Almanak Administrativo e Industrial do Rio de Janeiro (1891 a 1940)*	1
Total	374

*Alguns periódicos eram apresentados em sua totalidade e não somente no período buscado.

Na análise do corpus selecionado, no período de 1930 a 1939, com o indicador “Flamengo + Favela da Praia do Pinto”, não houve nenhum retorno de dados. Entretanto, na busca com o indicador “Flamengo + Praia do Pinto” foram encontradas 374 notícias. Estas em sua totalidade não vinculavam os elementos do indicador e apresentavam os mesmos em reportagens diferentes. Com relação ao conteúdo que figuravam na narrativa jornalística de tais periódicos, ficou evidenciado que tanto o Flamengo quanto a Praia do Pinto apareciam nos classificados de venda e aluguel de imóveis. No entanto, tratando a favela individualmente, surgem diversas reportagens sobre o seu cotidiano como um lugar de acontecimentos criminosos, que vão desde conflitos familiares até assassinatos por brigas de quadrilhas.

Ainda segundo o contexto descritivo das reportagens deste período, a Favela da Praia do Pinto aparece como um ambiente de miséria, de fraca infraestrutura urbana e de aspectos morais duvidosos, como casais amasiados, bigamia, prostituição etc. e, destaca-se, sempre aparecendo nas colunas policiais dos jornais.

Figura 5 - Favela da Praia do Pinto



Fonte: http://www.fotolog.com.br/sorio/56411591/#profile_start

Data de Acesso: 20/08/2013

Como exemplo, pode-se citar a manchete do jornal Correio da Manhã, página 7, de 12/08/1936:

Os viciados se empenharam num conflito, ficando três feridos

Na madrugada de hontem, na praia do Pinto, no Leblon, no lugar denominado “Cidade Maravilhosa”, muitos indivíduos se entregavam, animadamente, ao jogo, quando, imprevistamente, entre elles estourou um conflito.

Breve, todos se empenhavam na luta, armados de punhal, navalha, cacete, sabres, etc. (...)

Com relação ao período de 1940 a 1949, retornaram os dados abaixo descriminados para análise:

Tabela 2: Indicador “Flamengo + Favela da Praia do Pinto” no período de 1940 a 1949

Jornal	Ocorrências
Correio da Manhã	7
Diário de Notícias	2
A Noite	2
Revista da Semana	1
Jornal do Brasil	1
O momento feminino (1947 a 19560)*	1
Total	14

*Alguns periódicos eram apresentados em sua totalidade e não somente no período buscado.

Tabela 3: Indicador “Flamengo + Praia do Pinto” no período de 1940 a 1949

Jornal	Ocorrências
Jornal do Brasil	54
Diário de Notícias	53
Correio da Manhã	42
A Noite	36
A Manhã (1925 a 1953)*	32
Diário da Noite	15
Diário Carioca	6
Gazeta de Notícias	6
Revista da Semana	3
O imparcial (1940 a 1942)*	3
Tribuna Popular (1945 a 1947)*	3
O Momento Feminino (1947 a 1956)*	1
Diretrizes (1938 a 1946)*	1
Total	255

*Alguns periódicos eram apresentados em sua totalidade e não somente no período buscado.

No período de 1940 a 1949, somando-se os dois indicadores, nota-se o aumento de reportagens sobre a violência na Praia do Pinto. A partir deste período, também se torna evidente a discussão social e política sobre a situação das favelas, qualificando-as como “pragas urbanas”, e suas respectivas remoções.

Foram encontrados artigos e opiniões nos jornais analisados que apresentavam, inclusive com a utilização de palavras nitidamente pejorativas, o aspecto das favelas na cidade do Rio de Janeiro, onde a Favela da Praia do Pinto aparece nitidamente com uma das piores, sendo tratada, em comparação com as outras favelas, como lugar de promiscuidade, crime e disseminação de doenças, como a tuberculose. Nesta perspectiva nota-se com clareza a representação negativa que a favela possui no ambiente urbano.

Como exemplo, pode-se citar a notícia veiculada do Diário de Notícias, primeira seção, página 2, na data de 09/01/1940,

Antenor Vieira, operário, morador à Praia do Pinto nº 166, vivia maritalmente com a doméstica Christina Braga, de 28 anos de idade, solteira, empregada na residência da Avenida Eptácio Pessoa nº 724, apartamento nº 1. Há dias, porém, Christina abandonou o companheiro, indo residir à Rua Oitis sem número. Despeitado, Antenor esperou-a, hontem, na Rua Saddock de Sá, onde ambos tiveram uma forte discussão. No auge da contenda, Antenor desfechou na ex-companheira seis tiros de revólver.

E ainda no Diário de Notícias, primeira seção, página 5, de 29/10/1941, segue a seguinte reportagem:

Aspectos deprimentes de uma cidade de turismo
Apesar da lei contra as favelas, novos “bairros” de lata e tábuas vão surgindo nas zonas elegantes

O Diário de Notícias tratou, há dias, em tópico o problema das favelas. Acentuamos, nesta ocasião, que, apesar de decidida em lei – o Código de Obras do Distrito Federal, decreto 6.000 – a extinção radical desta praga urbana, continuavam a aparecer, sobretudo justamente nas zonas mais elegantes, novos “bairros” de tábuas e folha de zinco ou de flandres. Claro que ainda é cedo para que se registre a falência dos bons propósitos da administração quanto a supressão das favelas. Compreendemos que esta campanha saneadora, visando a extirpação de um mal generalizado, não podia ser levada a cabo em alguns poucos meses. Mas o fato que provoca estranheza é a tolerância para com os construtores de novas favelas.

Essa reportagem evidencia o conflito social existente entre a favela e o espaço urbano, principalmente as regiões mais elegantes da zona sul, dos quais a “praga urbana” deveria ser extirpada e onde, através de fiscalização efetiva, seria necessário evitar que novas favelas fossem construídas. Por outro lado, opiniões de esquerda também se posicionavam sobre a forma como o poder público agia na desapropriação dos habitantes destes espaços, que, sob o pilar da ordem e higiene social, enviavam os favelados para residirem em locais distantes, nos subúrbios, o que dificultava sua locomoção ao trabalho, devido à falta de transporte público que desse conta da expansão populacional e do desenvolvimento da cidade. A este respeito, segue a notícia, no mesmo jornal, Diário de Notícias, página 2, em 27/06/1948:

A batalha contra o Rio de Janeiro

Se em algum lugar do mundo alguém disser a uma pessoa normal que numa cidade onde há déficit de habitações onde 300 mil pessoas vivem em tosquíssimas imitações de casas, muito mais parecidos com canis do que com moradias de seres humanos, onde para cada casa que vague há milhares de pessoas em busca de um teto, a administração pública ao invés de construir residências, destrói milhares das existentes, essas pessoas dirão não se trata de uma cidade, mas de um vasto hospício. Por que será preciso que sejam igualmente loucos todos os habitantes desta cidade (...) Pois o Rio de Janeiro é esta cidade de loucos, onde sucessivos prefeitos vêm destruindo habitações ao invés de construí-las ou estimular-lhes a construção.

Além desta discussão social, ainda era predominante na mídia impressa os anúncios de classificados de venda e aluguel no Flamengo e na Praia do Pinto, no Leblon, onde estes elementos apareciam separados em notícias diferentes, assim como ocorrera no período anterior, pesquisado de 1930 a 1939.

Também continuaram a serem evidenciados os crimes violentos e os acidentes na Praia do Pinto, inclusive foi encontrada uma notícia explicitando a Praia do Pinto como o pior tipo de favela, onde imperava a promiscuidade, doença e violência; onde seus moradores não eram “de família” e “de bem” como em outras favelas da zona sul. A este respeito segue notícia da Revista da Semana, página 10,

Não há morros (da zona sul, bem entendido) a vida boêmia, as confusões policiais arranjadas pelos arruaceiros, a fisionomia peculiar das favelas da zona norte pela qual ficaram conhecidos o Salgueiro, a Mangueira, a Favela, Estação Primeira e outros redutos da boemia popularesca. Os morros dos Cabritos, da Catacumba e da Babilônia primam pelo seu ambiente familiar que seus moradores procuram conservar e fazem questão de defender. (...)

Mas na favela da praia do Pinto a fisionomia é diferente, o clima é outro. Há a miséria econômica como ponto de contacto com a vida das outras favelas, porque a miséria é uma constante em todos os agrupamentos proletários do Rio de Janeiro atual. Há o problema da falta d'água, marca inconfundível da capital da República. Há o lixo e a lama espalhados pelas vielas tortuosas que o capricho do acaso foi engendrando aos poucos (...) Entretanto o que mais diferencia a favela da praia do Pinto das outras é a sua fisionomia social. Enquanto as populações dos morros levam uma vida pacata e amorfa (...) na praia do Pinto já não se dá o mesmo. Há uma imitação da vida de bairro de cais do porto, de subúrbio animado em noites de sábado (...)

E ainda, no Diário de Notícias, página 5, 09/02/ 40 - 49⁹

Na favela da praia do Pinto, no Leblon, seis mil pessoas ocupam a área correspondente a três quarteirões do bairro civilizado, vivendo em espantosa promiscuidade. As favelas são focos de doenças pelas suas condições anti-higiênicas. São focos de endemias e de surtos epidêmicos. A convivência de seus moradores com os bairros vizinhos é diária, permanente. Portanto, os problemas delas nos falam de perto, são nossos também. Ai moram nossas empregadas (cozinheiras, copeiras, lavadeiras, amas de criança) que vêm contaminar nossos filhos, trazer doenças, como - tuberculose, tifo, disenterias, moléstias venéreas, às nossas casas.

Destaca-se, ainda, que como a praia do Pinto é caracterizada como um lugar sujo, o descarte do lixo aparece na mídia como um destes problemas, associando-o ao ambiente repleto de urubus. Este fato, representado na imagem abaixo relacionada à praia do Pinto, leva a pensar sobre a associação do Flamengo com o urubu, seu mascote, animal que se alimenta de carniça e que marcou sua presença na favela.

Figura 6 - Foto mostra urubu na montanha de lixo no entorno da praia do Pinto.



Fonte: Correio da Manhã, 13/11/1949

⁹ Como a digitalização do jornal estava afetada, não foi possível identificar o ano exato de sua edição. Entretanto, o mesmo refere-se ao segundo período pesquisado, de 1940 a 1949.

Sobre o período de 1950 a 1960, segue a tabela abaixo:

Tabela 4 - Indicador “Flamengo + Favela da Praia do Pinto” no período de 1950 a 1960

Jornal	Ocorrências
Última Hora (1951 a 1984)*	17
A Noite	10
Diário de Notícias	8
Correio da Manhã	7
Imprensa Popular (1951 a 1958)*	7
Jornal do Brasil	6
Diário Carioca	6
Diário da Noite	3
Gazeta de Notícias (1950 a 1956)*	1
O Movimento Feminino (1947 a 1956)*	1
Total	66

*Alguns periódicos eram apresentados em sua totalidade e não somente no período buscado.

Tendo em vista que a busca com os indicadores “Flamengo e Praia do Pinto” foi mais profícua e apresentou um grande número de referências que abarcavam inclusive aquelas citadas pela busca via indicadores “Flamengo e Favela da Praia do Pinto”, a análise foi realizada somente a partir da segunda busca apresentada na Tabela 5.

Tabela 5 - Indicador “Flamengo + Praia do Pinto” no período de 1950 a 1960

Jornal	Ocorrências
Diário de Notícias	401
Diário Carioca	282
Diário da Noite	236
A Noite	105
Última Hora (1951 a 1984)*	99
A Manhã (1925 a 1953)*	57
Correio da Manhã	54
Jornal do Brasil	51
Imprensa Popular	42
Sport Ilustrado (1920 a 1956)*	16
Revista da Semana	1
Diário Carioca (1930 a 1939)*	1
O Momento Feminino (1947 a 1956)*	1
Total	1346

*Alguns periódicos eram apresentados em sua totalidade e não somente no período buscado.

Nesse período, nota-se um considerável aumento de reportagens vinculando os elementos “Flamengo + Praia do Pinto”. Assim como nas décadas anteriores, a favela da Praia do Pinto continua aparecendo nas colunas policiais, acrescido de um desejo manifestado pelos jornais de que as favelas fossem removidas e até mesmo extintas.

As visões negativas das favelas no Rio de Janeiro acompanharam todo o século XX, sendo consideradas como um “problema”, e seus moradores como marginais vivendo num

ambiente onde a ilegalidade imperava. Essa qualificação das favelas impregnava as páginas dos jornais, que ao reportarem o cotidiano das mesmas, carregavam as tintas das descrições de forte pobreza e um ambiente onde elementos infratores proliferavam. Logo, o contexto simbólico da descrição jornalística das favelas apresentava uma representação negativa dos ambientes, ficando apenas de fora as interpretações sobre agremiações carnavalescas. A própria Praia do Pinto formou uma escola de samba que tinha seus eventos descritos de maneira positiva pelos jornais nos anos de 1950.

Figura 7 - Reportagem do Jornal O Globo evidenciando a representação das favelas como um problema urbano no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas (parte 1)



Fonte: Jornal O Globo, 12/04/2009

Figura 8 - Reportagem do Jornal O Globo evidenciando a representação das favelas como um problema urbano no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas (parte 2)



Fonte: Jornal O Globo, 12/04/2009

Ainda no período pesquisado, a coleta de dados trouxe resultados evidenciando o surgimento de representações associando o torcedor do Flamengo ao imaginário social da

Favela da Praia do Pinto. Este elemento fica bastante evidenciado na coluna do cronista esportivo Everardo Guilhon, cujo pseudônimo era Super XX, chamada “As orelhas Ardem”, no Diário de Notícias.

Figura 9 - Everardo Guilhon, o Super XX



Fonte: Correio da Manhã, 21/11/1954

Everardo Guilhon (1918-1987) foi um jornalista paraense que trabalhou, a partir de 1948, no Rio de Janeiro, nos seguintes jornais: Diário Carioca, O Jornal, Correio da Manhã, O Globo, Diário da Noite, Diário de Notícias e na TV Educativa. Antes de vir para o Rio de Janeiro, o jornalista foi responsável pela criação da mascote do Paysandu Esporte Clube de Belém, fato que demonstra sua estreita vinculação com o mundo esportivo. Seu principal cargo foi no Diário Carioca, onde foi secretário de Redação, e criou a seção “As orelhas ardem”, uma crônica humorística, muitas vezes “cáustica” sobre personagens e fatos nos esportes brasileiros. Conforme mencionado, pôde-se observar na pesquisa que, cronologicamente, a coluna “As orelhas ardem” apareceu primeiramente em 1953 no Diário Carioca. (Revista de Comunicação, acesso em 25/08/2013)

Em 1955, Everardo Guilhon foi convidado a fazer parte do Diário da Noite, na coluna “Depois eu conto”. O Diário da Noite foi fundado em 1929, por Assis Chateaubriand, tendo sua decadência no ano de 1964. Sua tiragem alcançou a cifra de 200.000 exemplares chegando a ser o jornal mais lido na cidade do Rio de Janeiro. Este jornal teve como um de

seus colaboradores Nelson Rodrigues, que escrevia folhetins sob o pseudônimo de Susana Flag. (Enciclopédia HQ, acesso em 25/08/2013)

De acordo com a sua coluna, página 3, de 29/03/1955, do referido jornal,

Mario Vale chegou junto a mim, ali naquele boteco da Praça Mauá e falou calmo: “Escuta, velho, o Fernando Bruce mandou dizer para você ir escrever essas bobagens no Diário da Noite. Ainda tive tempo de beber um gole de chope, mas me levantei rápido e perguntei: “Por que hein?”. Mario Vale sentou-se ao meu lado, muito calmo e me explicou: “Sabe, velho, lá no Diário só tem gente apaixonada ...” E enumerou: “O Bruce é Atlético; o Sandro é Santos Foot-ball Clube, eu sou Vasco e o Liguori é Botafogo (ex-Flamengo), Tepedino é Flamengo” Mario Vale respirou: “A gente precisa lá de um desportista como você. Pessoa que não seja energúmena. Que seja equilibrada.” Imediatamente aceitei. Pedi outro chope, levantei o copo na cara do Mario Vale e gritei: “**A República da Praia do Pinto**, independente e que não sofre de complexo de inferioridade”. E vim correndo!

Nesse periódico, o cronista já abordava a vinculação entre a praia do Pinto e o Flamengo, evidenciando em sua narrativa a relação com os fatos do cotidiano da favela e características do favelado, qualificando o torcedor do Flamengo como o morador da “República da Praia do Pinto” ou dos “Estados Unidos da Praia do Pinto.” Este fato pode ser explicitado na sua crônica de 30/03/1955, página 3:

Depois eu Conto

Explicação

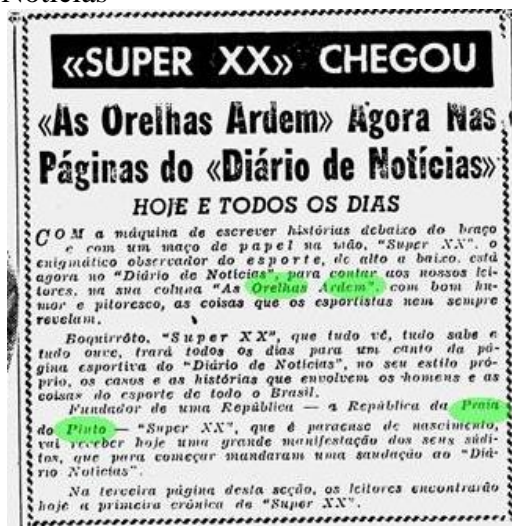
Atenção república das Praia do Pinto, muita atenção Estado Unidos da Favela do Esqueleto e Território Livre da Linha Auxiliar, os paulistas estão hospedados, desde ontem no Hotel Paineiras. O Hotel Paineiras fica no caminho do Corcovado. Me parece que lá não existe encruzilhada. Mas os “trabalhos” devem ser colocados em frente do Hotel, bem perto da linha do bondinho! E tem que ser um “trabalho” sério. Igual aquele do jogo Flamengo e Vasco! Atenção Praia do Pinto: uma galinha preta só é pouco. E não esqueçam da farofa amarela e tudo! Se a polícia implicar depois, eu falo com o coronel Côrtes!

No referido trecho, percebe-se que a crônica faz uma chacota, galhofa em relação ao imaginário social relativo aos moradores das favelas, principalmente com relação às religiões afro-brasileiras, que possuem como características rituais com aves e despachos.

Nesse contexto, verifica-se a representação do racismo relacionado às características dos moradores das favelas cariocas, predominantemente negros ou descendentes. Associado a esta imagem está à das religiões afro-brasileiras, carregadas de expressões ritualísticas e estigmas negativos para as classes médias cariocas porque trazem a vinculação com os antigos escravos negros africanos. Desta forma, começa a ser desenhada a confirmação da hipótese deste trabalho, cuja representação do Flamengo como time de favelado se faz presente a partir destes indicativos.

Em agosto de 1957, Everardo Guilhon inicia sua coluna “As orelhas Ardem” no Diário de Notícias e, a partir deste momento a coleta de dados evidencia um aumento muito significativo de crônicas humorísticas e sarcásticas vinculando o Flamengo à Praia do Pinto. O Diário de Notícias foi fundado em 1930 por Orlando Ribeiro Dantas e circulou até meados de 1970. Este foi um jornal que possuía uma tendência de oposição e intenção patriota, denunciando o autoritarismo das ditaduras brasileiras, mas apoiando o Golpe Militar de 1964. Após o Golpe, ao verificar a realização de arbitrariedades, começou a criticar o Governo militar e perdeu publicidade estatal, indo à falência em 1976. (Cadernos de Comunicação, 2006)

Figura 10: Coluna de chamada para a estreia do Super XX no Diário de Notícias



Fonte: Diário de Notícias, 18/08/1957

De fato, o que os dados mostram é que já apareciam na mídia notícias vinculando a praia do Pinto ao Flamengo, mas que, a partir de 1957, esta ideia de rubro-negro favelado e que se apresentava ao Super XX com uma fala emburrecida, toma vultos que antes não possuía e que esta representação vai se disseminando para outros jornais. Neste ponto, é possível pensar que o cronista Super XX foi fundamental, senão para a criação desta imagem, mas pela disseminação da mesma.

Neste mesmo período, ano de 1955, foi encontrada outra coluna do jornal A Noite, chamada “Saco de Gatos”, sob a assinatura do jornalista Theo Drummond, que também apresentava vinculação entre o torcedor rubro-negro e a Praia do Pinto associando à cultura afro-brasileira e seus rituais religiosos.

Em 1957, o mesmo colunista abordou novamente a representação entre Flamengo e a Praia do Pinto, caracterizando o morador desta favela como torcedor rubro-negro sob um espectro negativo:

Disse um vascaíno para um crioulo torcedor do Flamengo: "Olha, rapaz, eu é que sei o que é gozar a vida! Acordo no domingo pela manhã, tomo dois ovos quentes com torradas. Para almoçar vou no melhor restaurante da cidade, como o que quero, pago CR\$ 500,00. A seguir pego um taxi me dirijo para o Maracá, compro uma cadeira numerada e assisto ao jogo tomando umas Brahmas. Terminado o jogo, saio do estádio, pego um taxi e vou pro meu apartamento como um justo". O crioulo do Flamengo pensou e respondeu: "Bom, pois eu acordo no domingo, entro logo na tendinha do seu Manoel, tomo uma cachaça e dou o pendura, rápido. Dou umas voltinhas pela Coreia da Praia do Pinto para fazer hora. Ao meio dia corro pro China pra pegar a bola, acabando dou um tiro de 800 metros fugindo do garção. Aí pego o bonde pro Maracá, quando o conduta vem cobrar aplico o velho golpe de berrar "quantas vezes?" Depois, chegando no estádio sento na calçada, boto uns óculos escuros, o chapéu na frente - e em cinco minutos arranjo o da geral. Assisto o jogo, bebo uns cinco copos de água da bica e no final de tudo, como não tenho apartamento arranjo uma confusão, dou umas cabeçadas e vou dormir na santa paz do Senhor, no xadrez!"

E, ainda, na coluna Corner, no Jornal do Brasil, no mesmo ano, apresenta como chacota um concurso onde o leitor deveria descobrir qual o time do torcedor caracterizado na coluna. Segue a tipificação do torcedor na coluna Corner

CONCURSO - lançamos hoje um sensacional concurso, ao qual poderão participar todos os nossos leitores, havendo um prêmio de 10 mil cruzeiros além de outros menores. O concurso se intitula "Qual o clube deste torcedor?" E são as seguintes as características a serem consideradas pelos participantes: 1) É preto; 2) Usa chapéu disco voador; 3) Usa calça boca de funil; 4) Tem o corpo cheio de tatuagens; 5) Mora na Praia do Pinto; 6) Tem vinte entradas na policia.

Ainda na coluna "Saco de gatos", imitando a fala emburrecida do torcedor rubro-negro que aparece nas colunas "As orelhas ardem", do Super XX:

Na favela da Praia do Pinto, aquele camarada rubro-negro contava numa roda: "Pra não dizerem que o Flamengo é egoísta e quer ganhar tudo, agira mesmo o presidenti Hilton Santos resolveu deixar o Vasco ganhar o campionatu de remo e o Fruminense, os Jogus da Primavera!"

Este cronista ainda relacionou tacitamente os torcedores do Flamengo à favela da Praia do Pinto num comentário sobre a Cruzada São Sebastião, no Diário de Notícias, na mesma coluna, ainda em 1957,

Foi o Jayme de Carvalho, chefe da charanga do Flamengo, quem descobriu: "A Cruzada São Sebastião, obra de grande e indiscutível valor filantrópico, é de inspiração Vascaína. Acabando com a favela da Praia do Pinto ela vai acabar com a torcida do Flamengo!"

Diante do explicitado acima, foram usadas como indicadores de análise quantitativa a frequência da coluna “As orelhas ardem”, a frequência de vinculação do Flamengo com a praia do Pinto e a frequência no aparecimento de características como fala emburrecida. Qualitativamente foram observadas características negativas com relação à Praia do Pinto, ao seu morador e ao torcedor do Flamengo.

Nesse sentido, com relação à frequência dos indicadores quantitativos, verificou-se que no universo de 401 reportagens do Diário de Notícias, foram encontradas 153 que possuem a coluna “As Orelhas Ardem”. Destas 147, vinculam o Flamengo à praia do Pinto e 72 apresentam o torcedor rubro-negro como um morador da favela da praia do pinto possuindo “falas emburrecidas”, através de verbalização de palavras erradas e construção sintática defeituosa e de concordância equivocada.

Com relação aos indicadores qualitativos, foram verificadas características relacionadas à corrupção do Flamengo na compra de juízes e os torcedores como “macumbeiros”, “crioulos”, sem-teto, marginais, usuários de vestimentas pobres e fora dos padrões estéticos. No que se refere ao espaço da favela, a Praia do Pinto é retratada como lugar de crime e violência, com condições urbanas precárias relacionadas à sujeira, à falta de recolhimento de lixo e valas negras.

Outra questão interessante é a forma de tratamento do Super XX com relação aos moradores da favela caracterizando-os como “cidadãos praia do pintano” ou moradores da “República da Praia do Pinto”, o que faz pensar a favela como possuidora de um modelo próprio de organização, paralelo ao Estado, tanto com relação à sua cultura singular e características de seus moradores, como ao poder paralelo do crime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação teve como objetivo compreender como são construídas as relações identitárias entre grupos sociais e seus espaços de pertença. Para a construção da argumentação, pautou-se na Teoria das Representações Sociais articulando-a a geografia cultural e a memória dos grupos e espaço urbano através de documentos produzidos pela mídia da época, especificamente os jornais. Como objeto de estudo específico, delimitou-se a relação entre o Flamengo e a favela da Praia do Pinto.

Nesse contexto, o jornalismo foi apresentado como um importante construtor de opinião pública. Entre os diversos formadores de opinião, o jornalismo tornou-se importante desde o século XIX, com o aparecimento da circulação massiva de jornais e revistas e, posteriormente, do rádio, da TV e da internet, porque consegue transmitir ideias para muitas pessoas ao mesmo tempo, reforçando posições sobre os assuntos abordados.

No que compete ao objeto dessa Dissertação, verifica-se que na guerra simbólica dos torcedores de futebol, acusações mútuas são normais. Comumente, são acusações discriminatórias buscando rebaixar as características socioeconômicas dos torcedores. Logo, não é apenas o Flamengo que tem uma de suas características discriminadas. Todos os outros grandes clubes do Rio de Janeiro (Vasco, Fluminense e Botafogo) também são tratados de forma pejorativa, sobretudo quando observados através do cotidiano de seus admiradores. Isto pode ser notado igualmente em outras cidades, como por exemplo, em São Paulo, onde os seus quatro grandes clubes também possuem suas divergências.

O que coube a esta Dissertação, foi a correlação entre o cotidiano vivido pelos torcedores e as representações sociais transcritas nos veículos de imprensa, com o objetivo de verificar as suas relações. No caso do Flamengo a alcunha de “Time de favelado” encontrou eco em alguns veículos de comunicação. Ficando a pergunta sobre qual a origem deste processo. Seria o cotidiano urbano da cidade do Rio de Janeiro que levou os jornalistas a descreverem o torcedor como favelado, ou foram os jornalistas que interpretaram esta lógica e a descreveram nos veículos de imprensa fomentando a construção da representação no público?

Acreditamos que este fenômeno é um híbrido de ambas as perguntas, pois o jornalista vive o dia-a-dia urbano percebendo as suas representações e no seu ofício busca apresentá-las de maneira ilustrada. A mensagem criada pelo jornalista, portanto, passa pela interpretação do que acontece nas ruas. Cabe, então, a seguinte questão: teria sido a ida do Flamengo para o Leblon, junto à Praia do Pinto, esta causa?

Os dados da pesquisa mostram a vinculação direta entre o Flamengo e seus torcedores como sendo moradores da favela. Nesse sentido, acredita-se que a mudança de sede contribuiu muito com a construção da representação do Flamengo como time de favelado, inclusive porque esta mudança ocorreu num período onde as representações sobre a favela no contexto social ganhavam contornos negativos, especialmente pelas condições precárias de suas construções e infraestrutura e, sobretudo, pelas características sociodemográficas de seus habitantes, que em sua maioria eram negros ou mestiços, com nenhuma ou pouquíssima escolaridade e possuidores de culturas muitas vezes ligadas aos seus antepassados, que eram consideradas inadequadas para o estilo de vida moderno que a metrópole do Rio de Janeiro buscava ao longo do século XX.

Considerando o fato social como dialético e incluindo a construção da identidade dos grupos e deles com os seus espaços de pertença nesta perspectiva, é possível refletir sobre essa representação sobre o Flamengo sob dois vieses: a do morador da favela e a dos habitantes da cidade, excluindo o favelado.

Para o morador da favela, a associação da sua identidade com o Flamengo pode ser considerada como positiva, pois rompe com o estigma negativo associado à sua vida e à sua pessoa pelos habitantes da cidade, tendo em vista que o Flamengo pôde ser considerado à época um clube vencedor e, na prática, voltado para as classes sociais mais altas e elite, como a sua história conta. No que se refere aos habitantes da cidade, a imagem do Flamengo a partir da sua associação com os favelados passa a ter conotação negativa, pois representa o grupo que a elite pretende excluir de seu espaço.

Essa dialética corporificada na polaridade positivo-negativo de um fato social, pode ser claramente verificada na guerra das torcidas de futebol, como se o futebol refletisse (ou reproduzisse) o “campo de batalha” simbólico entre os grupos em disputa, tanto no campo futebolístico quanto no espaço da cidade.

Sennet (2008) apresenta a ideia da relação entre corpo e cidade através do sentido entre “carne e pedra”, onde a carne representa as características físicas e psicológicas dos seres humanos e a pedra às construções materiais das cidades. Assim podemos associar o Flamengo, ao ter sua sede transferida para as redondezas da Praia do Pinto, à noção de pedra, pois se tornou aos olhos daqueles moradores como um “sangue” de qualidade adequada, possibilitando a construção de uma imagem positiva e bons sentimentos relacionados a eles mesmos. Ainda na dialética do fato social, a “pedra” não possui uma única representação para todos os habitantes da cidade. Se para o favelado da Praia do Pinto a “pedra” Flamengo simboliza um status positivo, para outros habitantes do espaço urbano esta mesma “pedra”

pode possuir o significado inverso, como um “sangue ruim”. Esta dialética mostra como um mesmo time de futebol pode ter um estigma negativo de favelado e uma mascote como urubu, que estaria associado ao lixo da favela, mas que, por outro permanece como um grande time e com a representação de ser “o mais querido do Brasil”.

Outro dado que a pesquisa evidencia, é a utilização do humor como recurso de linguagem nas representações jornalísticas sobre o Flamengo. No humor é possível transmitir uma ideia pejorativa, associando àquele que é pejorado de uma maneira lúdica, de forma a apaziguar a negatividade da ideia, e viabilizar ao pejorado a aceitação daquela condição em que é apresentado pelo discurso. Assim, através desse humor que caracteriza a relação entre o Flamengo e a Favela da Praia do Pinto, ocorre a identificação pública e a aceitação dos próprios flamenguistas das características descritas pelos jornais.

Esse humor reforça a importância do futebol para os cariocas, pois reproduz a disputa pelo domínio do discurso no espaço futebolístico que foi sendo construído ao longo do século XX, desde a chegada do futebol no Brasil, principalmente a partir da construção das legiões de fãs dos clubes, ficando a pergunta: cabe ao jornalismo reforçar esta guerra simbólica? Uma resposta difícil, visto que a reprodução da notícia e seu interesse é a própria sobrevivência do ramo, criando polêmica e espaços de discussão e permitindo a construção de sentidos sobre o ambiente do futebol do Rio de Janeiro.

Cabe ressaltar que, apesar de extinta desde 1969, a favela da Praia do Pinto teve forte importância nessa representação social, visto que ainda na atualidade é possível verificar a simbolização do Flamengo pelos seus adversários como time de favelado, através das redes sociais na internet, nos estádios de futebol e na linguagem popular, mesmo quando muitos deles não presenciaram a edificação e a demolição da favela.

REFERÊNCIAS

A BATALHA contra o Rio de Janeiro. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 27/06/1948. P.2.

ABREU, M. A. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ Zahar, 1987.

_____. *Sobre a memória das cidades*. In: CARLOS, A. F. A.; DE SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (orgs) *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2012, p.19-39.

ABRIC, J-C. *A abordagem estrutural das representações sociais* In: MOREIRA, A. S. P. & OLIVEIRA, D. C. (orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. 2ª ed. Goiânia: AB, 2000, p. 27-38.

ASPECTOS deprimentes de uma cidade de turismo. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/10/1941. Primeira Seção, p.5.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M. W. *Análise de conteúdo clássica: uma revisão*. In: BAUER, W. M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p. 189-217.

BELLOS, A. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CALDAS, W. *Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990.

CORREA, R. L. *Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão*. In: CARLOS, A. F. A.; DE SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (orgs) *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2012, p.41-51.

_____. *Espaço e simbolismo*. In: DE CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORREA, R. L. *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.133-153.

COSTA, J.; MAGALHÃES, L.E.; SCHMIDT, S. Remoções salvaram a paisagem da Lagoa. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 12/04/2009. Rio. p.15.

COUTINHO, E. *Nação Rubro-Negra: Flamengo*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1990.

DAMATTA, R.; NEVES, L. F. B.; GUEDES, S. L.; VOGEL A. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Pinakothke, 1982.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 09/01/1940. Primeira Seção, p. 2.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. S/ data definida. p. 5.

DIB, F. S.; DA SILVA, N. C. (orgs). DA SILVA, K. R.; MACHADO, R. L. (colab.). Roteiro para apresentação das teses e dissertações da universidade do estado do rio de janeiro. 2. ed. rev. atual. e ampl. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2012. Disponível em www.uerj.br/publicacoes.

DRUMMOND, T. Saco de Gatos. *A Noite*. Rio de Janeiro, s/ data definida (ano 1957).

_____. Corner. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, s/ data definida (ano 1957)

ENCICLOPÉDIA HQ. Disponível em: <http://www.encyclopediahq.com/2013/03/editora-diario-da-noite.html>. Acesso em 25/08/13.

ENDRES, A. *História do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

EVERARDO, G. (SUPER XX). As Orelhas Ardem. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 29/03/1955. Caderno Esportivo. P.3.

EVERARDO, G. (SUPER XX). Depois Eu Conto. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 30/03/1955. p.3.

FAUSTO, B. *História Concisa do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: EdUSP, 2012.

FONSECA JUNIOR, W. C. *Análise do conteúdo*. In: DUARTE, J.; BARROS, A. A. (orgs) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p.280-304.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1991.

GUTERMAN, M. *O futebol explica o Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

HELAL, R.; GORDON, C. *Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol*. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p.51-75.

HELAL, R; LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. (org) *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>. Acesso em 20/07/13 até 21/09/13.

HOLLANDA, B. B. B. *O clube como vontade e representação: o jornalismo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

JODELET, D. *Representações Sociais: um domínio em expansão* In: JODELET, D. (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-43.

_____. *A cidade e a memória*. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (orgs). Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: PROARQ, 2002, p.31-43.

LESSA, C. *O Rio de todos os brasis*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIMA, R. B. *O Antigo Leblon: uma aldeia encantada*. Rio de Janeiro: R. B. Lima, 1999.

- LOCKWOOD, D. *Análise do tipo ideal*. In: DICIONÁRIO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de documentação; SILVA, B. (coord.); NETTO, A. G. M. et.al. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 1232.
- LOVISOLO, H. *Sociologia do esporte (futebol): conversões argumentativas*. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p.11-31.
- MEZZADRI, F. M. et.al. *As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor*. In: Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, n.3, p.407-16, jul./set. 2011. Acesso em 20/08/2013.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.
- O'DONNELL, J. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilo de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- OS VICIADOS se empenharam num conflito. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12/08/1936. p.7.
- PEREIRA, L. A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. *A Nação: como e por que o Flamengo se tornou o clube com a maior torcida do Brasil*. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2010.
- PESSOA Alfredo de Belmont. Histórias de redação. *Revista de comunicação*, ano 3, n. 12, 1987. Disponível em www.revcom.com.br. Acessado em: 10/08/2013.
- REVISTA DA SEMANA. S/ data definida (anos 1940), p. 10.
- RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. *Diário de Notícias: a luta por um país soberano*. In: Cadernos de Comunicação. Série Memória. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria, 2006.
- ROSO, A. *Comunicação*. In: STREY, M. N. et. al. *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SANTOS, M. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- SANTOS, T. C. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas – paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004.
- SENNETT, R. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SOARES, A. J. *O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade*. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p.101-122.

SOARES, A. J. G.; LOVISOLO, H. *Futebol: a construção histórica do estilo nacional*. In: HELAL, R; LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. G. (org) *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011, p.33-51.

SLOB, Bart. *Do barraco para o apartamento – a humanização e a urbanização de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro*. Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2002.

TOLEDO, L. H. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autore3s Associados/ANPOCS, 1996.

VALA, J. *Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano* In: MONTEIRO, M. B. & VALA, J. (orgs.). *Psicologia Social*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.p. 457-502.

VALLADARES, L *A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, nº. 44, outubro/2000. p 5-34.